

O LEITOR
DO TREM
DAS 6H27

JEAN-PAUL
DIDIERLAURENT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JEAN-PAUL
DIDIER LAURENT

O LEITOR
DO TREM
DAS 6H27.

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Éditions Au diable vauvert, 2014

TÍTULO ORIGINAL

Le Liseur du 6h27

PREPARAÇÃO

Tamara Sender

Luísa Ulhoa

REVISÃO

Juliana Souza

André Marinho

DESIGN DE CAPA E LETTERING

Mariana Newlands

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

E-ISBN

978-85-8057-792-1

Edição digital: 2015

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Sobre o autor

Leia também

*A Sabine,
sem a qual este livro não existiria,*

*a meu pai,
que, mesmo invisível, continua
a me inspirar seu amor eterno,
a Colette e seu apoio inabalável.*

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou um angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda tem quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: *Vilain Guignol*, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Seus pais ignoraram os nomes sugeridos em cada um dos dias do calendário dos Correios daquele ano de 1976 para optar por esse “Guylain”, que veio do nada, sem nem sequer pensar um só instante nas consequências desastrosas desse ato. Surpreendentemente, e ainda que muitas vezes a curiosidade fosse grande, o menino nunca ousara perguntar o porquê da escolha. Medo de causar constrangimento, talvez. Medo certamente de que a banalidade da resposta o deixasse insatisfeito. Às vezes ele se divertia imaginando como sua vida teria sido se tivesse se chamado Lucas, Xavier ou Hugo. Até Ghislain teria sido o bastante para sua felicidade. Ghislain Vignolles, um nome de verdade no qual ele poderia ter se construído, o corpo e a mente bem-protegidos atrás dessas sílabas inofensivas. Em vez disso, tivera que passar toda a infância com o trocadilho fulminante o perseguindo: “palhaço feio”. Em trinta e seis anos de existência, acabara aprendendo a se fazer esquecível, a se tornar invisível para não provocar mais gargalhadas e zombarias do que as que sempre se manifestavam tão logo era notado. Não é nem bonito nem feio, nem gordo nem magro. Só o vislumbre de uma vaga silhueta nas margens do campo de visão. Fundia-se à paisagem até renegar a si mesmo para permanecer em outro lugar jamais visitado. Ao longo de todos esses anos, Guylain Vignolles vivera simplesmente não existindo, exceto aqui, nessa sinistra plataforma de estação de trem em que pisava todas as manhãs. Sempre à mesma hora, ele esperava o RER, o trem da Rede Expressa Regional, os dois pés sobre a linha branca que delimitava a área a não ser ultrapassada para não haver o risco de cair na via. Esse traço insignificante no concreto tinha a estranha capacidade de acalmá-lo. Ali, os odores de carniça que vagavam perpetuamente em sua mente evaporavam como em um passe de mágica. E durante os poucos minutos que o separavam da chegada da composição, ele pisava a linha como se quisesse se fundir a ela, consciente de que aquilo se tratava apenas de um adiamento ilusório, de que o único meio de fugir da barbárie que o aguardava lá, além do horizonte, seria sair daquela linha

sobre a qual tolamente pendulava, alternando os pés, e voltar para casa. Sim, bastaria simplesmente desistir, voltar para a cama e se encolher na marca ainda quente que seu corpo deixara durante a noite. Dormir para fugir. Mas, por fim, o homem sempre se resignava a permanecer sobre a linha branca, a escutar a pequena multidão de usuários se aglomerando atrás dele enquanto os olhares e um ar ligeiramente quente em sua nuca vinham lhe lembrar de que ainda estava vivo. Ao longo dos anos, os outros passageiros acabaram demonstrando por ele esse tipo de respeito indulgente reservado aos malucos inofensivos. Guylain era um alento que, durante os vinte minutos de viagem, retirava-os por um tempo da monotonia dos dias.

2

A composição parou junto à plataforma depois de um violento rangido dos freios. Guylain se afastou da linha branca e subiu no estribo. O estreito banco retrátil ao lado direito da porta o aguardava. Ele preferia a dureza do tampo alaranjado à maciez dos assentos acolchoados. Com o tempo, o banco retrátil acabara fazendo parte do ritual. O gesto de baixar o assento tinha algo simbólico que o tranquilizava. Enquanto o trem partia, tirou uma pasta da bolsa carteiro de couro que sempre o acompanhava. Entreabriu a pasta com cuidado e desenterrou uma folha do meio dos dois mata-borrões cor-de-rosa. O papel fino meio rasgado e cerceado no canto superior esquerdo pendia entre seus dedos. Era uma página de livro, de formato treze por vinte centímetros. O homem examinou-a por um tempo antes de colocá-la outra vez entre os mata-borrões. Pouco a pouco, o silêncio tomou conta do vagão. De vez em quando alguns “shhh” repreensivos ecoavam para calar as poucas conversas que custavam a cessar. Então, como todas as manhãs, após um último pigarro, Guylain começou a ler em voz alta:

— “Paralisada e muda de espanto, a criança só tinha olhos para o animal arquejando pendurado na porta do celeiro. O homem aproximou a mão da garganta palpitante de vida. A lâmina afiada enterrou-se silenciosamente na penugem branca, e um gêiser quente jorrou da ferida, espirrando gotículas rubras em seu punho. O pai, mangas arregaçadas até os cotovelos, fez incisões no couro com alguns gestos precisos. Depois, com suas mãos poderosas, puxou lentamente o pelame, que começou a deslizar como uma meia comum. Surgiu então, em toda sua nudez, o corpo fino e musculoso do coelho, ainda fumegante de sua vida abatida. A cabeça pendia, feia e descarnada, com os dois olhos esbugalhados que fitavam o nada sem nem sequer uma suspeita de recriminação.”

Enquanto o dia nascente se chocava contra os vidros embaçados, o texto vertia de sua boca num longo filete de sílabas, entrecortado aqui e ali de silêncios nos quais se precipitava o barulho do trem em movimento. Para todos os passageiros presentes na composição, ele era o leitor, um sujeito estranho que, todos os dias de semana, lia em voz alta e inteligível as poucas páginas retiradas de sua bolsa. Eram fragmentos de livros sem qualquer relação uns com os outros. O trecho de uma receita podia estar ao lado da página quarenta e oito do último vencedor do Goncourt, um parágrafo de romance policial podia seguir-se a uma página de um livro de história. Para Guylain, pouco importava o conteúdo. Só o ato de ler tinha importância a seus olhos. Ele expelia todos os textos com a mesma dedicação obstinada. E, a cada vez, a magia se operava. As palavras, ao sair de

seus lábios, levavam com elas um pouco da náusea que o sufocava ao se aproximar da usina:

— “Por fim, a lâmina da faca abriu a porta do mistério. Com uma longa incisão, o pai desventrou o animal, que regurgitava entranhas fumegantes. O rosário de vísceras se desfiou, como se impaciente para deixar o peito onde se achava confinado. Do coelho, sobrou apenas um pequeno corpo sangrando enrolado em um pano de prato. Nos dias que se seguiram, um novo coelho apareceu. Outra bola de pelo branca que saltitava no calor da coelheira, com os mesmos olhos cor de sangue que contemplavam a criança para além do reino dos mortos.”

Sem nem ao menos erguer a cabeça, Guylain pegou com cuidado uma segunda folha:

— “Instintivamente, os homens haviam mergulhado de cabeça no solo, com o desejo selvagem de se enterrar, se enterrar cada vez mais fundo no seio da terra protetora. Alguns cavavam o húmus com as próprias mãos, como cães loucos. Outros, em posição fetal, ofereciam suas frágeis colunas vertebrais aos fragmentos mortais que jorravam de todo canto. Todos se encolheram como em um reflexo vindo de tempos imemoriais. Todos menos Josef, que permanecera de pé em meio ao caos e que, num gesto insano, abraçara o tronco da grande bétula à sua frente. Pelas ranhuras que listravam o tronco, a árvore vertia uma resina espessa, lágrimas grossas das seivas que granulavam a superfície da casca antes de escorrer lentamente. A árvore se esvaziava, assim como Josef, cuja urina fervente fluía pelas coxas. A cada nova explosão, a bétula estremecia contra seu rosto, tremia entre seus braços.”

O homem examinou minuciosamente as folhas que havia tirado de sua bolsa até o trem chegar à estação. Enquanto o vestígio das últimas palavras pronunciadas desvanecia em seu palato, ele observou os outros passageiros pela primeira vez desde que entrara no vagão. Como quase sempre, descobriu decepção em seus rostos, até mesmo tristeza. Isso durou apenas o tempo de um resfolegar. O vagão se esvaziou rapidamente. Na sua vez, ele se levantou. O banco retrátil deu um estalo seco ao se dobrar. Claquete para o fim da cena. Uma mulher de meia-idade lhe disse um discreto obrigada ao pé do ouvido. Guylain sorriu para ela. Como explicar àquelas pessoas que ele não fazia isso por elas? Deixou com resignação a tepidez do vagão, abandonando as páginas do dia. Gostava de saber que estavam lá, delicadamente colocadas entre o assento e o encosto do banco retrátil, longe do tumulto destruidor do qual haviam escapado. Lá fora, a violência da chuva aumentara. Como acontecia todas as vezes que se aproximava da usina, a voz ríspida do velho Giuseppe ecoou em sua cabeça. “Você não é feito para isso, menino. Você ainda não sabe, mas não é feito para isso!” Ele sabia sobre o que o velho falava, o velho que não havia encontrado nada melhor que vinho barato para lhe dar coragem de continuar. Guylain não o

ouvira, acreditando ingenuamente que a rotina acabaria resolvendo tudo. Que ela invadiria sua vida como uma bruma de outono e anesthesiaria seus pensamentos. Mas, apesar dos anos, a náusea sempre voltava a atacar diante da muralha suja e decrépita. Atrás do muro, escondia-se a Coisa, bem protegida dos olhares. A Coisa que o esperava.

Para entrar na usina, Guylain empurrou o portão, que ranguu desagradavelmente aos seus ouvidos. O rangido tirou o vigia de sua leitura. Por conta dos repetidos desfolhamentos, a reedição de 1936 do *Britânico*, de Racine, que segurava parecia um pássaro ferido. Guylain se perguntava se alguma vez Yvon Grimberty saía da guarita. O homem parecia não dar a mínima para o desconforto daquele abrigo a céu aberto de três por dois metros, contanto que a grande caixa de plástico em que se encontravam armazenados seus livros estivesse sempre com ele. Aos cinquenta e nove anos, o teatro clássico era o único amor verdadeiro de sua vida, e não era raro, entre as chegadas à usina, vê-lo se colocar na pele de um Don Diégue, da peça de Corneille, ou cobrir o busto com o manto de um Pirro imaginário, seus grandes braços varrendo o ar do exíguo abrigo, abandonando, pelo tempo de uma diátribe inflamada, esse papel inglório pelo qual lhe pagavam uma miséria e que consistia em acionar a barreira vermelha e branca, subindo ou descendo na entrada da usina. Sempre apumado, o vigia caprichava com um zelo todo especial no cultivo do bigode, um traço fino que enfeitava seu lábio superior, sem jamais perder a oportunidade de citar o grande Cyrano: “Sim, todas as palavras são finas quando o bigode é fino.” Desde o dia em que descobrira o verso alexandrino, Yvon Grimberty se apaixonara por ele. Servir com fervor e fidelidade ao verso de doze sílabas tornara-se sua única missão na Terra. Guylain gostava de Yvon por sua loucura. Por isso e talvez também por ele ser um dos poucos que não haviam sucumbido à tentação de chamá-lo de *Vilain Guignol*.

— Bom dia, Yvon.

— Bom dia, menino.

Como Giuseppe, o vigia também só conseguia chamá-lo por esse substantivo.

— O gordo e o babaca já chegaram.

Yvon se referia a eles sempre nesta ordem, nunca de outra maneira. O gordo antes do babaca. Quando não falava ao estilo dos versos alexandrinos, construía frases curtas; não que fosse avarento com as palavras, mas preferia reservar a voz para a única coisa que, a seus olhos, valia a pena de verdade: os dodecassílabos. Enquanto Guylain se afastava em direção ao imenso galpão de chapa de aço, Yvon trouxe à tona dois versos de sua autoria:

— Cai o aguaceiro, brusco e misterioso,

Bate no ribeiro, em granito nervoso.

A Coisa estava lá, maciça e ameaçadora, instalada bem no centro da usina.

Em mais de quinze anos de profissão, Guylain jamais conseguiu chamá-la pelo nome verdadeiro, como se o simples fato de nomeá-la fosse uma prova de reconhecimento, uma espécie de aceitação tácita que ele não queria em hipótese alguma. Nunca a nomear, ali estava o último baluarte que conseguira erguer entre ela e si próprio para não vender sua alma em definitivo. A Coisa deveria se satisfazer com seu corpo e apenas com seu corpo. O nome gravado no próprio aço do mastodonte exalava indícios de morte iminente: Zerstor 500, do verbo *zerstören*, que, na bela língua de Goethe, significa “destruir”. A Zerstor Fünf Hundert era uma monstruosidade de quase onze toneladas saída das oficinas da Krafft GmbH em 1986, ao sul do rio Ruhr. Quando Guylain a viu pela primeira vez, a cor verde de azinhavre de sua carcaça de metal não o espantara de verdade. O que mais normal senão esta cor de guerra para uma máquina cuja única função era aniquilar? Em um primeiro momento, seria possível crer que fosse uma cabine de pintura ou um grande gerador, até mesmo, cúmulo do absurdo, uma enorme máquina rotativa de impressão offset. A única pretensão aparente da Coisa parecia ser a feiura, mas isso era apenas a ponta visível do iceberg. No meio do chão cinzento de concreto, a mandíbula escancarada desenhava um retângulo escuro de quatro por três metros, que se abria ao mistério. Ali, protegido pelas trevas, bem no fundo de um funil de aço inoxidável, se encontrava o terrível maquinário, um mecanismo sem o qual a usina não seria nada além de um depósito inútil. Do ponto de vista técnico, a Zerstor 500 devia seu nome científico aos quinhentos martelos do tamanho de punhos masculinos, dispostos em quincunce sobre os dois cilindros horizontais que cobriam toda a largura do fosso. Somavam-se a isso as quinhentas facas de aço inoxidável distribuídas por três eixos e girando a uma velocidade de oitocentas rotações por minuto. De ambos os lados desse inferno, vinte bocais formavam uma guarda de honra que enviava sem interrupção uma água a cento e vinte graus sob uma pressão de trezentos bares. Mais longe, os quatro braços poderosos do misturador repousavam em seu cofre de inox. Por fim, engaiolado em sua prisão de ferro, o monstruoso motor a diesel de quase mil cavalos dava vida ao conjunto. A Coisa nascera para triturar, achatar, pilar, esmagar, rasgar, picar, lacerar, retalhar, misturar, amassar, esquentar. Porém, a melhor definição que Guylain já ouvira continuava a ser aquela que o velho Giuseppe gostava de gritar quando o vinho ruim que bebia o dia inteiro não havia sido suficiente para interromper o ódio visceral que armazenara pela Zerstor 500 ao longo dos anos: isso aniquila!

O ambiente de salão de baile vazio que reinava na usina a essa hora do dia dava frio na espinha. Não restava mais nenhum vestígio do que se passara no local no dia anterior. Do mesmo modo que não se conseguia detectar o menor prenúncio do furor e do barulho que se abateriam entre as paredes nos minutos seguintes. Não deixar indícios era uma das obsessões de Félix Kowalski. Noite após noite, o chefe mandava limpar a cena do crime para que continuasse sendo executado com perfeição. Um crime repetido infinitamente todos os dias do ano, exceto nos fins de semana e feriados.

Guylain atravessou o galpão com um passo arrastado. Brunner o esperava. O jovem de macacão sempre impecável estava apoiado displicentemente no painel de controle da Coisa. Com os braços cruzados junto ao corpo, ele recebeu Guylain como sempre: um sorriso estranho mal esboçado nos lábios. Nunca uma palavra de boas-vindas, um gesto, nada, só esse sorriso cheio de arrogância que ele lhe dava do alto de seus vinte e cinco anos e de seu um metro e oitenta e cinco. Brunner passava o tempo disparando suas verdades a quem quisesse ouvi-las: os funcionários eram todos uns esquerdistas preguiçosos, a única utilidade das mulheres era servir o marido, ou seja, ocupar-se da cozinha de dia e engravidar à noite, os *gnoules* (abreviação do termo *bougnoules*, negros africanos, que ele vomitava mais do que pronunciava) passavam o dia comendo o pão dos franceses. Sem esquecer os cheios da grana, os *RMistes*, beneficiários de programas de inserção social, além dos politiquinhos corruptos, os motoristas barbeiros, os drogados, os veados, os veados drogados, os deficientes, as prostitutas. O sujeito tinha opinião sobre tudo, opiniões formadas que havia muito Guylain tentava não contrariar mais. Durante um tempo, usara a retórica, tentando explicar ao jovem que nada era tão simples, que entre o preto e o branco existia toda uma gama de tons, do cinza mais claro ao mais escuro. Em vão. Guylain acabara se acostumando com a ideia de que Brunner era um idiota irrecuperável. Irrecuperável e perigoso. Lucien Brunner dominava com perfeição essa arte de zombar completamente da cara de alguém enquanto faz cortesias exageradas. De seus “Sr. Vignolles”, cheios de condescendência, emanava um desdém implícito. Brunner era uma cobra da pior espécie, pronta para picar ao menor passo em falso, e Guylain se esforçava incessantemente para manter distância, permanecer fora do alcance de suas presas. Para coroar a situação, esse babaca adorava o trabalho de carrasco.

— Ei! Sr. Vignolles, será que poderia me deixar acionar a máquina hoje?

Guylain se regozijou por dentro. Não, o “Seu Vignolles” não ia deixá-lo acionar nada hoje. Nem amanhã, nem nunca! O “Seu Vignolles” não estava pronto para lhe dar este prazer incomensurável que residia no único ato de pôr em funcionamento esta porcaria de unidade de transformação!

— Não, Brunner. Você sabe que isso não é permitido enquanto você não tiver recebido todas as certificações.

Guylain adorava essa frase, que lançava em tom de compaixão, ainda que ficasse angustiado com a chegada do dia em que esse idiota esfregaria na sua cara a cobiçada licença. Esse momento não tardaria, e então seria preciso ceder. Não se passava uma semana sem que Brunner abordasse Kowalski sobre o assunto, para que o gordo apoiasse seu pedido junto à direção. Sempre que possível, esse fingido grudava nele, dizendo uns “Sr. Kowalski” para cá, uns “Chefe” para lá, sem jamais perder uma oportunidade de aparecer no escritório com sua cara de fuinha para lambear as botas dele. Um pica-boi no dorso de um búfalo. E o chefe adorava isso. Toda essa encenação massageava seu ego. Enquanto isso, Guylain se utilizava do regulamento para repreender Brunner, sempre com a impressão fugaz de cutucar a cobra com vara curta. Sem certificação, não toca no botão!

— Porra, Vignolles, o que você está esperando para acionar a máquina, que pare de chover?

Kowalski, que o havia visto do alto de sua torre de marfim, saíra do escritório para rosnar com Guylain com aquela voz de falsete. O antro envidraçado do chefe ficava a cerca de dez metros do chão, logo abaixo do telhado da usina. Lá de cima, Kowalski via tudo, como um pequeno deus na escuta de seu reino. O menor alerta, o mais ínfimo deslize, e eis que ele surgia na ponte suspensa, gritando suas ordens ou fazendo chover reprimendas. E se achasse que isso não bastava, como no presente caso, descia ruidosamente os trinta degraus metálicos que acolhiam seus cem quilos de banha, gemendo em protesto.

— Por Deus, Vignolles, mexa-se! Há três caminhões esperando na rua!

Félix Kowalski não falava. Latia, gritava, berrava, xingava, rugia, mas nunca soube conversar normalmente. Era mais forte que ele. Jamais começava o dia sem despejar uma rajada de latidos sobre a primeira pessoa que passasse ao alcance da sua voz, como se a maldade acumulada nele durante a noite desse sair de sua boca de qualquer maneira, antes que o sufocasse. Muitas vezes essa primeira pessoa era Guylain. Brunner, que era babaca mas não cego nem surdo, logo compreendera a manobra do chefe e quase sempre ficava escondido atrás da caixa do painel de controle da Zerstor. Guylain já era indiferente às gritarias do gordo, que raramente duravam mais de um minuto. Bastava fazer corpo mole até passar o tsunami. Dar de ombros e esperar que Kowalski terminasse de esbravejar, arrotando em meio ao odor de suor azedo. Ah! Às vezes acontecia de Guylain ter vontade de se revoltar, de gritar contra a injustiça. Fazer esse

barrigudo odioso ver que o ponteiro grande do relógio pendurado acima da porta dos vestiários, o único correto aos olhos de Kowalski, encontrava-se a mais de dez minutos de chegar ao doze; então ele não merecia de modo algum as afrontas infundadas, já que a hora de entrada no serviço indicada em seu contrato de trabalho era sete horas em ponto e não seis e cinquenta! Mas ele preferia se calar. Era a melhor solução: ficar de boca fechada, se virar e seguir em direção aos vestiários sem nem ao menos esperar que Kowalski terminasse de se livrar de toda essa verborragia maldita que saía de sua boca e vinha não se sabia de onde.

Guylain abriu seu armário de aço. A inscrição em letras brancas nas costas do macacão parecia brilhar no escuro. STERN. Cinco letras para Sociedade de Tratamento e Reciclagem Natural. Quando falava dela, Brunner sempre acrescentava a palavra *Company*. A STERN *Company*. Achava que isso dava mais classe. O logotipo mostrava a silhueta de uma bela andorinha-do-mar-ártica, um animalzinho que passava a maior parte do tempo procurando verões e que, de súbito, voava quase oito meses por ano, se lançando em uma corrida permanente em busca de sol, sem nunca perder tempo para pousar. Brunner, que entendia tanto de ornitologia quanto de teologia, via nessa silhueta de pássaro apenas uma andorinha comum. Guylain nunca quisera contrariá-lo também nesse assunto. Enfiou seus cinquenta e oito quilos no macacão, fechou a porta do armário do vestiário e respirou fundo. A Coisa aguardava sua razão.

Guylain sentia repugnância ao levantar a tampa do painel de controle da Zerstor 500. Como sempre, tinha a impressão desagradável de sentir a chapa de metal vibrar sob seus dedos, apesar de não haver motivo para isso, como se a Coisa, bem viva, batesse os pés com impaciência diante da ideia de começar sua jornada. Nesses momentos, ele deixava os automatismos se imporem. Atinha-se a esse papel de operador-chefe pelo qual gentilmente lhe pagavam mil oitocentos e quarenta euros todo mês, incluindo vale-refeição, e enumerava em voz alta todos os itens da lista de verificação enquanto Brunner passava de um posto de controle a outro, circulando ao sabor das peças enunciadas. Antes de destrancar o alçapão que fechava a base do funil, Guylain lançou um último olhar para a mandíbula escancarada da máquina, a fim de verificar se nenhum animal tinha tido a má ideia de bancar o corajoso. Os ratos haviam se tornado realmente um problema. O cheiro os enlouquecia. O funil os atraía como as folhas dentadas de uma planta carnívora atraem as moscas, exalando odores. E não era raro encontrar um mais guloso preso no fundo do buraco. Quando descobria um deles, Guylain ia buscar o puçá guardado no vestiário e tirava o animalzinho do apuro em que se metera. Os ratos iam embora de imediato e corriam a toda para o fundo da usina até sumir da vista dos funcionários. Não é que Guylain tivesse um carinho especial por roedores; a motivação que o encorajava era sobretudo a de privar a Zerstor de um pedaço de carne. Ela era ávida por aquilo, Guylain tinha certeza, por esses corpinhos uivando e gesticulando que ela triturava como tiragostos comuns quando conseguia pegar um. Da mesma forma que ele estava convencido de que ela não se faria de rogada para devorar suas mãos e punhos se a oportunidade surgisse. Depois do acidente de Giuseppe, Guylain entendera perfeitamente que carne de rato não bastava para a Coisa.

Após acionar a bomba e ligar os interruptores, colocando-os na posição ON, pressionou com o polegar o botão verde que Brunner sonhava em apertar um dia. Guylain contou até cinco e depois diminuiu a pressão. Era preciso sempre contar até cinco, nem mais, nem menos. Tempo de menos, a máquina não ligava; tempo demais, o motor afogava. O inferno era justificado. Do alto de sua passarela de capitão de longo curso, Kowalski não perdia o menor dos movimentos. O botão piscou por dez segundos antes de brilhar com toda a intensidade. A princípio, nada aconteceu. Só um estremecimento do chão quando a Coisa deu um primeiro soluço de protesto. O despertar era sempre laborioso. Ela arrotava, crepitava, parecia mostrar má vontade para arremeter, mas, após o primeiro gole de óleo, a Coisa se colocava em movimento. Primeiro, veio do

chão um rugido surdo, logo acompanhado de uma primeira vibração que partiu ao ataque das pernas de Guylain antes de percorrer seu corpo inteiro. Em pouco tempo, todo o galpão se pôs a tremer, do chão ao teto, no ritmo dos golpes do potente motor a diesel. O capacete antirruído grudado em seus ouvidos mal conseguia filtrar o estrondo do inferno que violentamente se iniciava. Mais baixo no interior da Zerstor, os martelos foram acionados e se chocavam, ferro contra ferro, em um barulho prenunciando o fim do mundo. Mais distante, as facas se agitaram freneticamente, todas as lâminas cintilando nas profundezas tenebrosas. Um apito estridente se ergueu do buraco quando a água jorrou dos bocais, acompanhada quase no mesmo instante por uma coluna de vapor que foi acariciar o teto da usina. O fosso exalava um odor de papel mofado. A Coisa tinha fome.

Guylain fez um gesto convidando o primeiro caminhão a aproximar a traseira da plataforma de descarregamento. O veículo de trinta e oito toneladas manobrou em alta velocidade e virou a caçamba. A avalanche de livros caiu em cascata no chão de concreto, provocando uma nuvem de poeira cinzenta. Sentado diante dos controles da escavadeira, Brunner, fervendo de impaciência, logo entrou em ação. Atrás do para-brisa sujo da máquina, seus olhos brilhavam de entusiasmo. A enorme lâmina varreu a montanha de livros para lançá-la ao nada. O aço inoxidável do escoadouro desapareceu sob a maré de livros. As primeiras mordidas eram sempre delicadas. A Zerstor era uma ogra temperamental. Às vezes acontecia de entupir, vítima da própria voracidade. Ela então parava abruptamente em plena mastigação, a boca quase transbordando. Era preciso quase uma hora para esvaziar o funil, desentranhar os cilindros da quantidade excessiva de livros já prisioneiros dos martelos, desobstruir uma a uma todas as rodas dentadas antes de acionar novamente a bomba. Uma hora de Guylain se contorcendo nas entranhas malcheirosas, suando todos os fluidos de seu corpo e recebendo os insultos de um Kowalski mais irritado que nunca. Naquela manhã a Coisa se levantara com o pistão direito. Abocanhou e engoliu sua primeira ração de obras sem o menor engasgo. Os martelos, muito felizes de triturar outra coisa que não o vazio, foram com tudo. Até as lombadas mais nobres, as encadernações mais sólidas se viram esmagadas em alguns segundos. Aos milhares, as obras desapareceram no estômago da Coisa. A chuva quente que os bocais cuspiam sem trégua de ambos os lados do buraco forçava a ir para o fundo do funil as raras folhas volúveis que tentavam escapar. Mais longe, as seiscentas facas deram continuidade ao processo. Suas lâminas afiadas reduziram o que restava das folhas a finas tiras de papel. Os quatro grandes misturadores terminaram o trabalho transformando tudo numa calda espessa. Não sobrou qualquer vestígio dos livros que, alguns minutos antes, jaziam no chão do galpão. Só havia essa estopa cinzenta que a Coisa expulsava de suas costas sob a forma de grandes cagalhões fumegantes que caíam nos recipientes emitindo

terríveis ruídos úmidos. Essa massa de papel rudimentar serviria em um futuro próximo para fabricar outros livros, e alguns deles acabariam de novo aqui, entre as mandíbulas da Zerstor 500. A Coisa era um absurdo que comia a própria merda com uma gula abjeta. Muitas vezes, ao ver essa lama espessa que a máquina cagava ininterruptamente, Guylain tornava a pensar na frase que, apenas alguns dias antes do acidente, o velho Giuseppe lhe dissera do alto de sua embriaguez: “Nunca se esqueça disso, menino, somos para o processo editorial o que o buraco do cu é para a digestão, apenas isso!”

Logo um segundo caminhão veio descarregar a caçamba. A Coisa lançou um rosário de arrotos ácidos pela mandíbula aberta, mordendo o vazio com todos os seus martelos. Derradeiros vestígios da última refeição, algumas páginas rasgadas e encharcadas pendiam no meio das rodas dentadas da engrenagem como ordinários farrapos de pele. Bombeando com força os aceleradores ferozes, Brunner se lançou para a nova colina de livros, a língua pousada no canto dos lábios.

A guarita do vigia era uma ilha onde Guylain gostava de encalhar na hora do almoço. Ao contrário de Brunner, que tagarelava a propósito de qualquer coisa, Yvon podia ficar longos minutos sem dizer uma palavra, completamente imerso em suas leituras. Seus silêncios eram absolutos. Guylain podia imergir ali como em um banho morno, pois com Yvon seu sanduíche perdia um pouco do travo de papelão fervido que impregnava tudo que ele comia desde que começara a trabalhar na usina. Yvon às vezes lhe pedia para dar a deixa:

— Uma parede — explicou da primeira vez. — Só preciso de uma parede para reverberar minhas tiradas.

Guylain se prestava de bom grado ao jogo, recitando da melhor forma que podia textos que nunca entendia muito bem, às vezes mudando de sexo para encarnar uma Andrômaca, uma Berenice, até mesmo uma Ifigênia, enquanto Yvon Grimbart, no auge de sua arte, declamava em alto e bom som Pírrro, Tito e outro Agamenon de sua autoria. O vigia não comia, contentava-se com seus versos e mais nada, versos que desciam com a ajuda de chá preto, de que gostava muito e do qual tomava garrafas térmicas inteiras ao longo do dia.

O caminhão se atracou com um grande suspiro de baleia cansada a alguns centímetros da barreira abaixada. Yvon abandonou Dom Rodrigo e Ximena a tempo de constatar que a hora da chegada do carregamento já havia passado antes de tornar a mergulhar no ato III, cena 4. O regulamento estipulava que, para o repouso, a STERN devia parar qualquer atividade entre meio-dia e uma e meia da tarde, regra que incluía também a parada temporária do vaivém de caminhões encarregados de alimentar a Coisa. Todos os motoristas sabiam disso, e os que chegavam após a hora estipulada tinham apenas que estacionar seu veículo na rua e aguardar a retomada das atividades. Só alguns raros temerários como os de hoje às vezes tentavam ignorar o regulamento e procuravam forçar a passagem. Consciente da onipotência de seu caminhão de trinta e oito toneladas, o motorista buzinou e rosnou sua impaciência pelo vidro abaixado da janela:

— É para hoje ou para amanhã?

Diante da impassibilidade do vigia, o sujeito desceu do caminhão e se aproximou da guarita a passos nervosos.

— Ei! Você é surdo ou o quê?

Sem tirar os olhos do livro aberto à sua frente, Yvon levantou a mão, palma para a frente, a fim de indicar ao outro que no momento sua atenção estava voltada a qualquer coisa, menos a escutar o tratamento desdenhoso de um

motorista de entrega de carregamento à beira da histeria. Guylain sempre vira Yvon colocar em prática esse princípio, que consistia em nunca parar de ler no meio de uma frase, qualquer que fosse o motivo.

— Não desatar o fio do Verbo, menino! Chegar ao fim, deslizar ao longo da tirada até que finalmente o ponto final o liberte!

Tamborilando nervosamente no vidro, o sujeito recomeçou mais insolente que nunca:

— Quando ele vai decidir levantar a barreira?

Um novato, pensou Guylain. Só um novato podia se permitir tomar tal liberdade com Yvon Grimbert! Após colocar um marcador de página em sua edição de 1953 do *Cid*, de Corneille, Yvon indicou a Guylain a caixinha guardada na prateleira que se estendia ao longo da guarita. Havia ali, preciosamente conservados, anos de versificações inventadas por ele. Com a caixa no colo, o vigia passou em revista o repertório à sua disposição diante do olhar furioso do motorista. Com o bigode trêmulo de contentamento, Yvon pegou a ficha vinte e quatro, intitulada “Atrasos e punições”. Ajeitando a gravata com um gesto tarimbado, lançou um breve olhar ao texto, o tempo de mergulhar no personagem. Alisou com a palma da mão a cabeleira prateada, pigarreou uma última vez para deixar a voz mais nítida. Então, Yvon Grimbert, antigo aluno do curso Alphonse Daubin de Saint-Michel-sur-l’Ognon, turma de 1970, assinante do *Le Français* desde 1976, disparou uma primeira saraivada:

— Das doze já passou, o relógio é certo.

No trinta se alojou o tal grande ponteiro!

Deixe a arrogância, esqueça esse desdém,

Encerrar a distância ainda posso também.

A perplexidade que se desenhava no semblante do motorista varrera qualquer vestígio de raiva. O queixo salpicado de uma barba nascente foi caindo à medida que Yvon recitava a quadra com sua voz forte. Guylain sorriu. O homem era mesmo um novato. Quase sempre aquele era o efeito observado em quem deparava com Yvon pela primeira vez. O verso alexandrino os pegava desprevenidos. As rimas os atingiam, asfixiando-os de forma tão certa quanto uma surra bem no plexo.

— Um verso alexandrino é direto como uma espada — explicara um dia Yvon —, nasceu para acertar o alvo, com a condição de honrá-lo. Não deve ser declarado como prosa vulgar. Recita-se de pé. É preciso alongar a coluna de ar para dar vida às palavras e debulhá-lo de suas sílabas com paixão e ardor, declamá-lo como se faz amor, com grandes golpes de hemistíquios, no ritmo da cesura. O verso alexandrino lhe apresenta seu ator. E não há lugar para imprevisto. Não se pode trapacear com um verso de doze sílabas, menino.

Aos cinquenta e nove anos, Yvon tornara-se mestre na arte de dispará-los. Exibindo seu metro e oitenta e cinco, o vigia saíra da guarita:

— Os tais entregadores conhecem meu furor.
Serei sempre amores, se na hora a rigor.
Entregue a provisão, relaxe esse semblante,
Esqueça essa aflição, o atraso, e siga adiante.

Então tente a seguir respeitar nosso horário,
Não faça se extinguir meu sossego lendário.
Todo atraso é vão, pois não há maior afronta
Do que abrir o portão à carga dessa monta.

Evite a ousadia, a querer me irritar,
Pois toda calma em ira pode dar.
Se reles sentinela aqui nessa usina,
Eu não sou senhor dela, e sim de vossa sina.

A inquietude se apossara do caminhoneiro. De repente ele já não tinha diante de si os olhos de Yvon Grimbert, insignificante vigia de usina, mas sim o grande sacerdote todo-poderoso do templo. Sob o bigode grisalho, os lábios escarlates se alvoroçavam sem tremer para dizer as frases assassinas. O sujeito iniciou uma retirada prudente pisando com a ponta de suas botas de caubói e voltou para a cabine do Volvo, protegido da avalanche de rimas. Yvon foi atrás dele. Em pé no estribo, lançou para a cabine um monte de versos enquanto o jovem, à beira do pânico, se esforçava para fechar o vidro girando a manivela com gestos nervosos.

— Em meio à aflição, apenas um brutamonte
Sufoca a emoção e vergonha na fonte.
Se já quiser calar essa língua das musas,
Mude agora o olhar, apresente as escusas.

Derrotado, a cabeça inclinada sobre o volante num gesto de submissão, o sujeito balbuciou uma série de palavras enroladas que pareciam lamentos. Enquanto voltava ao seu abrigo envidraçado, Yvon lançou no ar uma última quadra:

— Agora quando for a barreira erguer,
Vou deixar meu furor aos poucos se esmaecer.
Avance o caminhão, deixe o carregamento.
Alimente o pilão para estender o momento.

Unindo o gesto à palavra, Yvon liberou o brutamonte, e o veículo se sacudiu em meio a uma nuvem de fumaça de escapamento. Guylain deixou por um instante o amigo versificador, apenas para observar o bom curso do descarregamento. Ainda em choque, o motorista despejou metade da carga na plataforma, a outra metade no estacionamento. Com seu papel carimbado, o sujeito voltou, muito feliz de ver a barreira se erguer sem ter que sofrer os ataques de Yvon Grimbert, já de volta a seu reino de Castela espreitando a chegada dos mouros ao lado de Ximena.

A hora da limpeza, tão temida por Guylain, havia chegado. Ser completamente engolido pela Coisa para limpar suas entranhas nunca era algo fácil. Toda tarde ele precisava se obrigar a descer no fosso, mas era o preço a pagar para cometer seu crime impunemente. Desde que Kowalski instalara câmeras de segurança em todos os cantos da usina, Guylain não podia mais realizar seus saques com a mesma facilidade de antes. O acidente de Giuseppe dera ao chefe o pretexto para equipar a usina com seis câmeras digitais ultramodernas, olhos incansáveis que espiavam todos os seus movimentos ao longo do dia. O objetivo era impedir que acidente semelhante ocorresse outra vez, afirmara-lhes o gordo, com a voz repleta de tristeza. Uma tristeza fingida que não enganara Guylain. Esse imbecil do Félix Kowalski nunca demonstrara um pinga de sentimento pelo velho Carminetti, e considera-o apenas um peso morto embriagado. O chefe havia inclusive aproveitado a oportunidade inesperada oferecida pelo drama de Giuseppe para colocar em prática o que sempre sonhara: reger seu pequeno mundo sem ter que tirar a bunda da poltrona de couro na qual se refestelava de manhã até a noite. Guylain perturbava Kowalski e suas câmeras de segurança.

Após desativar a Zerstor, ele entrou no fundo do funil. A imagem de um rato apavorado arranhando desesperadamente o aço inoxidável com as garras sempre vinha à sua mente nessa hora. Ele sabia que a Coisa não se encontrava em modo de destruição, que a caixa do painel de controle estava desligada e a injeção de combustível, interrompida. Guylain não podia, no entanto, deixar de permanecer alerta, atento ao menor indício de tremor, pronto para sair das garras da Coisa se de repente ela tivesse vontade de fazer uma boquinha. Solto o eixo dos cilindros antes de se meter entre duas fileiras de martelos. Teve ainda que rastejar e se contorcer por quase dois metros para chegar aos rolamentos inferiores. Gritou para que Brunner lhe passasse a bomba de graxa pelo alçapão lateral. O metro e oitenta e cinco do varapau impedia que ele tivesse acesso ao maquinário. Brunner ficava com raiva de não poder embarcar naquele navio, de ter que permanecer na plataforma contentando-se em passar a chave combinada de trinta e dois milímetros, o aplicador de óleo lubrificante ou a mangueira de água. Guylain acendeu sua lanterna de cabeça. Era ali, no estômago de aço ainda quente, que se achava a colheita do dia. Havia uma dúzia esperando por ele, sempre no mesmo lugar, o único inacessível ao jato de água dos bocais, entre a parede de aço inoxidável e a lingueta de fixação do último eixo de facas. Folhas volúveis, que foram forçadas pela corrente de ar a ir de encontro à câmara de água, tinham ido parar nessa espora de metal que impedira o desliz

fatal. Giuseppe chamava isso de peles vivas. “Elas são tudo que resta do massacre, menino”, falava ele com emoção na voz. Sem esperar, Guylain abriu o fecho do macacão e enfiou sob a camiseta as páginas encharcadas. Após lubrificar os rolamentos um a um e limpar com muita água o ventre da Coisa, ele saiu com dificuldade de sua prisão com as folhas eleitas do dia, bem-protegidas junto ao peito. Como sempre, o velho Kowalski se erguera de sua poltrona para levar seus cem quilos de banha até a beirada de seu poleiro. Incomodava-o essa ideia de que, durante alguns minutos, seu empregado ficasse fora do alcance de seus delatores. Por mais que as câmeras piscassem seus olhos vermelhos, ele jamais saberia o que Vignolles aprontava no interior de sua Zerstor. E o sorriso angelical que Guylain lhe dava todas as noites ao se dirigir ao chuveiro não era para tranquilizá-lo.

Durante quase dez minutos, Guylain permaneceu debaixo do jato quente. Ele não aguentava mais toda aquela sujeira na qual mergulhava o dia inteiro. Precisava se livrar dessa imundície custasse o que custasse, limpar seu crime entre essas quatro paredes amareladas. Passou pelo portão que dava na rua com a sensação de ter voltado do inferno. Ao entrar no trem que o levava de volta para casa, tirou da roupa as páginas antes de repousá-las delicadamente nos mata-borrões que iam livrá-las de toda a umidade que encharcava suas fibras. Para que amanhã, nesse mesmo vagão, as peles vivas enfim se extinguissem enquanto ele as libertava de suas palavras.

Guylain não lia durante o trajeto de volta. Não tinha força nem vontade. Também não se sentava no banco retrátil alaranjado. Após colocar as peles vivas entre os mata-borrões e guardar tudo na bolsa, fechava os olhos e deixava a vida voltar docemente para ele, enquanto o vagão embalava seu corpo cansado. De um lado, vinte minutos tranquilos por causa dessa vida que se manifestava de novo, enquanto, do outro, o cascalho que desfilava sob o trem absorvia os humores sujos do dia.

Ao sair da estação, Guylain subiu a avenida por mais de um quilômetro antes de se meter no labirinto de ruas de pedestre do centro da cidade. Ele morava no número quarenta e oito da alameda des Charmilles, no terceiro e último andar de um prédio decadente. Um espaço apertado diretamente sob o telhado do prédio, o conjugado era de um conforto espartano. Uma pequena cozinha de outra era, banheiro liliputiano, linóleo desgastado. Quando chovia como hoje, a janela no telhado deixava passar água se estivesse ventando. No verão, as telhas de terracota absorviam todos os raios de sol e transformavam os trinta e seis metros quadrados em uma fornalha. E, no entanto, toda noite o homem voltava ao lugar com o mesmo alívio, longe de todos os Brunner e Kowalski da Terra. Antes mesmo de tirar o casaco, Guylain ia salpicar uma pitada de comida para Rouget de Lisle, o peixe dourado com quem compartilhava sua existência e cujo aquário ocupava lugar de honra sobre a mesa de cabeceira.

— Desculpe se estou um pouco atrasado, mas o trem das 18h48 de hoje devia se chamar 19h02. Estou exausto. Você não sabe a felicidade que tem, meu amigo. Eu pagaria caro para estar no seu lugar, sabia?

Ele se pegava com cada vez mais frequência falando assim com o peixe. Guylain gostava de acreditar que o animal o escutava, ali, boiando no centro da esfera de vidro, todo ouvidos para o relato de seu dia. Ter um peixinho dourado como confidente implicava não esperar nada além dessa escuta passiva e silenciosa, embora às vezes julgasse descobrir na sequência de bolhas que saía da boca do animal um início de resposta ao seu questionamento. Rouget de Lisle recebia Guylain com uma volta olímpica antes de engolir as porções de alimento que flutuavam na superfície da água. O telefone piscava com insistência. Como esperava, a voz de Giuseppe ressoou no alto-falante enquanto ele verificava a secretária eletrônica:

— Menino!

O tom exaltado com o qual o velho pronunciara a palavra varreu imediatamente toda a vergonha que inundava Guylain quando acontecia, como

agora, de enganar o velho amigo. Após um longo silêncio durante o qual só era perceptível a respiração de um Giuseppe à beira de uma síncope, a voz continuava, embargada pela emoção.

— Albert acaba de ligar, achamos um! Me ligue quando chegar em casa.

A ordem não dava margem a nenhuma evasiva. Giuseppe desligou antes mesmo de ouvir o sinal sonoro. Guylain sorriu. O velho aguardava sua ligação. Ele o imaginou envolto na manta verde-abacate de sempre, o telefone pousado no que lhe restava das pernas, a mão nervosa segurando o fone.

— Quanto, Giuseppe?

— *Sette cento cinquantanove!*

Sua língua materna vinha à tona nos momentos em que uma grande fúria ou uma imensa alegria, como agora, o inundava. Setecentos e cinquenta e nove, aonde isso os levava?, perguntou-se Guylain. Acima do tornozelo, no meio da canela?

— Não, eu quis dizer quanto tempo desde a última vez — mentiu o homem, que se lembrava perfeitamente da data circulada em vermelho no calendário pendurado à direita da geladeira.

— Três meses e dezessete dias. Foi em 22 de novembro passado. Quem desencavou esse foi um dos contatos dele que trabalha no centro de coleta de lixo e reciclagem de Livry-Gargan. Estava em cima da pilha na caçamba de papéis velhos. Foi a cor que chamou sua atenção. Disse que eu tinha feito muito bem em fotografar um exemplar para distribuir aos rapazes. Foi graças a isso que ele reconheceu, pela cor. Não existem dois assim, falou. É exatamente o mesmo dos missais antigos de quando ele era coroinha. Porra, você se dá conta?! Além do mais, está em excelente estado, segundo ele, exceto por uma ligeira auréola gordurosa no canto superior direito da quarta capa.

Guylain mais uma vez se parabenizou por ter escolhido o alfarrabista como cúmplice para conduzir com sucesso seu projeto de tramoias, ainda que receasse que um dia o grande Albert do quai de la Tournelle e sua insolência lendária deixassem o velho desconfiado por ele falar demais. Não se esquecer de fazer uma mancha de gordura na parte de trás do livro, registrou mentalmente Guylain.

— Amanhã, Giuseppe, vou buscá-lo amanhã, prometo. Agora estou muito cansado e, além do mais, está meio tarde para conseguir pegar o último trem. Amanhã é sábado e vou ter todo o tempo do mundo.

— Tudo bem, menino, combinado. De qualquer maneira, Albert o está guardando com muito cuidado. Ele espera você.

Guylain beliscou o prato cheio de arroz, a contragosto. Mentir sempre e mentir mais. Adormeceu olhando Rouget de Lisle terminar sua digestão. Na TV, um jornalista falava de uma revolução num país distante e de um povo que não parava de morrer.

Uma negligência culpada, foi tudo que o inquérito conduzido pela STERN havia concluído menos de três semanas após o acidente. Nada mais nem menos do que essa sentença sucinta e sem apelação. Guylain conhecia a frase de cor de tanto ouvi-la por todos os lados: “O lamentável acidente do qual foi vítima o Sr. Carminetti, operador-chefe há vinte e oito anos da Sociedade de Tratamento e Reciclagem Natural, deve-se à negligência culpada do referido operador, no qual, ademais, foi detectado um índice de alcoolemia de mais de dois gramas por litro de sangue no momento do ocorrido.” O álcool, era isso que havia ferrado Giuseppe, Guylain tinha certeza. Os advogados e os especialistas contratados pela STERN só tiveram que procurar evidências incriminatórias, sem ir além para buscar as verdadeiras causas dessa confusão. Por pouco esses abutres não tinham lhe cobrado o macacão rasgado assim como os quarenta e cinco minutos de paralisação da Zerstor. Quarenta e cinco minutinhos, nem um a mais, o tempo exato para que os bombeiros retirassem do fundo do fosso um Giuseppe uivando de dor e gesticulando, como um condenado em meio aos livros que bebiam seu sangue, a alma inteira aspirada pelos dois poços de sofrimento que tomaram o lugar de suas pernas. Ele tinha acabado de trocar um dos bocais laterais e se preparava para sair do funil quando a Coisa devorou seus membros inferiores até a metade da coxa. As portas da ambulância ainda nem haviam sido fechadas quando o próprio Kowalski voltou para dar a partida na máquina enquanto Guylain vomitava sem parar agarrado à privada com as duas mãos. Esse canalha voltara a dar a partida na máquina enquanto os últimos gritos de Giuseppe ainda ecoavam no galpão. Guylain nunca perdoara o gordo por esse gesto. Iniciar a máquina mais uma vez, com o único objetivo de terminar a qualquer preço o que fora começado, a saber: a transformação do conteúdo de uma caçamba de caminhão de trinta e oito toneladas em pasta de papel. Tudo fora se misturar nas entranhas da Zerstor com o mingau disforme, que era só o que restava das pernas do operador-chefe Carminetti. *The show must go on* e que suas pernas descansem em paz!

O álcool não explicava tudo. Guylain acreditara em Giuseppe quando este lhe havia jurado que os dispositivos de segurança estavam acionados e que, naturalmente, ele bebera sua dose de vinho barato, como sempre, mas que jamais teria descido no fosso sem acionar a droga dos dispositivos de segurança. Guylain conhecia bem Giuseppe, assim como a desconfiança que ele sempre tivera em relação à Coisa. “Cuidado com ela, menino! Ela é perversa e um dia pode muito bem fazer conosco o que faz com os ratos!”, ele não parava de

repetir para o mais jovem, que também havia percebido isso. Os dois nunca tinham realmente conversado sobre o problema dos ratos. Não era fácil evocar coisas que escapavam à razão. Cada um sabia que o outro sabia, e pronto. Uma única vez, Giuseppe falara com Kowalski. Foi bastante tempo antes do acidente. Certa manhã, após ter descoberto uma enésima vítima, Giuseppe fora falar com o gordo para deixá-lo a par de suas inquietações, mas ficou tudo por isso mesmo. O chefe deve ter zombado dele como sabia fazer tão bem, e, com toda aquela amabilidade costumeira, o mandado pastar, supunha Guylain. Giuseppe saíra do escritório branco como papel, o semblante sério. Guylain nada dissera. Ainda hoje ele lamentava isso. Talvez se também tivesse protestado nessa hora, eles teriam estudado a questão mais a fundo e tentado descobrir o que poderia explicar a presença, de manhã tão cedo, de ratos dilacerados no recipiente junto à traseira da Zerstor 500, já que não havia nada ali na noite anterior. Guylain, por sua vez, conduzira uma investigação, examinara todas as pistas disponíveis, eliminando cada uma delas até restar apenas uma, a mais inaceitável de todas, a mais improvável e, no entanto, a única válida, ou seja, que a Coisa talvez fosse um pouco mais que uma simples máquina e que às vezes se ligava sozinha no meio da noite quando um desses malditos roedores vinha correr no fundo da sua goela.

Um ano após o acidente e depois de problemas recorrentes de cortes de energia elétrica, uma revisão completa do painel de controle da Zerstor revelara um problema na chave do disjuntor. Um interruptor com defeito já não fazia seu trabalho direito e deixava a corrente passar a seu bel-prazer, mesmo quando a alavanca estava virada na direção do OFF. Depois disso, a maioria dos dispositivos de segurança foram reforçados e até redobrados para que tal problema não ocorresse mais. Além disso, a direção admitira que, talvez, Carminetti, ex-operador-chefe da Zerstor 500, havia sido vítima de um incidente lamentável acarretado pela retomada súbita do funcionamento quando, por fatalidade, o homem se encontrava no fosso da máquina. Graças a isso, Giuseppe, que já se habituara à ideia de se contentar com o salário mínimo da previdência para sobreviver, se vira indenizado em cento e setenta e seis mil euros pelo prejuízo sofrido. “Oitenta e oito mil euros por pernocha!”, anunciara Giuseppe ao telefone, a voz emocionada. Mais que o dinheiro, foi sobretudo o fato de afinal terem levado minimamente em conta sua palavra de beberão que deixara Giuseppe verdadeiramente feliz nesse dia, pensara Guylain. Ele sempre se perguntara qual era o método que os especialistas empregavam para calcular o valor de uma morte, de um traumatismo ou da perda de um membro, como no caso de Giuseppe. Por que oitenta e oito mil e não oitenta e sete ou oitenta e nove? Será que levavam em conta o tamanho da perna, o peso estimado, o uso que a vítima fazia dela? Giuseppe e ele não eram ingênuos. Sabiam muito bem que essa conclusão não explicava em nada o problema dos ratos. Que era

necessário um pouco mais que um disjuntor defeituoso para justificar o funcionamento do motor a diesel no meio da noite. Guylain não voltara a falar sobre isso com Giuseppe, mas regularmente ainda encontrava ratos, ou o que restava deles. Era como se fossem grandes flores vermelho-escuras no fundo dos recipientes, tendo às vezes, no centro, um minúsculo olho negro que brilhava como uma pequena gota de tinta.

Giuseppe levava quase três meses para aceitar a ideia de que suas pernas não tornariam a crescer. Três meses para adotar definitivamente esses horríveis cotos rosados, duas bolas de carne que lembravam os galhos nodosos de tílias velhas. Segundo os médicos, isso era razoável, até mesmo bastante razoável, comparado a outros que jamais aceitavam a situação. Vendo-o passear no centro de readaptação funcional em sua cadeira nova em folha, o próprio Guylain achara que o velho conseguira se resignar com a perda das pernas.

— Uma Butterfly 750, menino! Nem doze quilos, dá para acreditar?! E a cor, você viu a cor. Violeta, se chama. Escolhi só por causa do nome: violeta. O que você acha?

Guylain não pudera deixar de sorrir. Ao ouvi-lo, quase dava vontade de ir *illico presto* até a primeira Zerstor e ordenar que comesse seus membros inferiores para ter o prazer de deslizar ali, em sua cadeira de rodas. E depois Giuseppe começara a dizer coisas inquietantes, pondo-se a evocar a volta das pernas. “Quando eu as tiver recuperado, vai melhorar, você vai ver, menino”, não parava de repetir em cada uma de suas visitas, os olhos cheios de esperança. No início, Guylain dizia a si mesmo que a Coisa talvez tivesse devorado um pouco mais que suas pernas e levado também algumas parcelas de seu juízo. Não dava para colocar essas palavras na conta do álcool, já que o velho se tornara abstêmio do dia para a noite. Afastar-se da usina havia tirado definitivamente sua vontade de beber. Guylain lhe perguntara o que ele queria dizer exatamente por “quando eu as tiver recuperado” e o que era o “as”, mesmo que certamente fizesse ideia da resposta. Giuseppe então se fechara como uma ostra, prometendo lhe contar tudo no dia em que estivesse preparado. Guylain se lembraria para o resto da vida do rosto radiante do amigo ao abrir a porta algumas semanas mais tarde com o precioso livro nas mãos. Giuseppe estendera-lhe solenemente a obra antes de fazer as apresentações com uma voz embargada pela emoção:

— *Jardins e hortas de antigamente*, de Jean-Eude Freyssinet, ISBN 3-365427-8254, saído das máquinas rotativas de impressão offset da gráfica Ducasse Dalambert de Pantin em 24 de maio de 2002, com tiragem de mil e trezentos exemplares em papel reciclado de gramatura noventa gramas, resma AF87452, fabricada com os lotes referenciados sob os números 67.455 e 67.456, produzidos pela Sociedade de Tratamento e Reciclagem Natural no dia 16 de abril de 2002.

Guylain pegara o livro, examinando-o sem entender. A capa verde-diarreia não estimulava a leitura. Ele o havia folheado sem convicção. Em suas páginas, o livro falava de técnicas de jardinagem. Semeadura, cavadela, capina e outras sutilezas de horticultura para todos os jardineiros de fim de semana.

— Você descobriu que tem dom para a coisa e colocou na cabeça a ideia de cultivar legumes no seu apartamento?

Diante de sua expressão abobalhada, Giuseppe se contorcera de alegria na cadeira de rodas. Só então as palavras pronunciadas pelo velho fizeram sentido. Dia 16 de abril, exatamente o dia em que suas pernas foram para o estômago da Zerstor! Ossos e carne triturados, esmagados, aferventados, dispersados em milhões de células que se viram intimamente misturadas ao magma cinzento defecado nos recipientes pela Coisa naquele maldito dia de abril de 2002. Saíram para uma longa viagem até aterrissarem nesse livro insignificante e nos outros mil duzentos e noventa e nove exemplares impressos com essa carne de papel única. Guylain ficara estupefato. O velho recuperara suas pernas!

Ao contrário do que prometera a Giuseppe, Guylain não fora a Paris naquele sábado encontrar o grande Albert. Aliás, nunca tivera essa intenção. Nem sequer saiu de casa. Limitou-se a dar um pulo na loja de animais situada a dois quarteirões dali para trazer um saquinho de algas secas para Rouget de Lisle, que as adorava. No início da tarde, o homem tirou do armário uma mala pesada. Lembrou-se da época abençoada em que exemplares de *Jardins e hortas de antigamente* afluíam dos quatro cantos da França. Após saquear todos os sites de vendas na internet com golpes de cartão de crédito e contatar todos os livreiros do país para desfalcá-los do cobiçado livro, Giuseppe tivera a sacada de procurar os *bouquinistes*, alfarrabistas que vendem livros nas margens do Sena. Um belo dia, o velho e sua cadeira de rodas chegaram àquela calçada e passaram de uma caixa verde expositora a outra para narrar a história e explicar como ele, Giuseppe Carminetti, ex-operador-chefe da Sociedade de Tratamento e Reciclagem Natural, ex-alcoólatra e ex-bípede, ia fazer de tudo para recuperar os livros que abrigavam o que restava de suas pernas. A cada pessoa, o velho dera seu cartão de visitas com esse título de livro estranho escrito no verso. Sua atitude os comovera. Cada alfarrabista imediatamente pusera em alerta a própria rede de contatos para caçar o Graal. Desde então, não se passava um fim de semana sem que Guylain fosse à margem do Sena para bancar o mensageiro e levar para Giuseppe os frutos da colheita. Ele gostava desses momentos de perambulação, contemplando os barcos carregados de turistas deslizarem preguiçosamente pelas águas prateadas do Sena. Era bom constatar que existia outro mundo além do da STERN, um mundo onde os livros tinham direito de terminar a vida confortavelmente arrumados em caixas verdes ao longo dos parapeitos das margens, envelhecendo no ritmo do grande rio e sob a proteção das torres da Notre-Dame.

A meta de quinhentos exemplares fora atingida menos de um ano e meio após o início dessa coleta louca, e a de setecentos, três anos mais tarde. E depois aconteceu o que tinha que acontecer. A fonte acabou secando, e o contador ficou emperrado no número setecentos e quarenta e seis. Giuseppe então mergulhou num estado de profundo desânimo. Todos esses anos, a busca havia sido sua principal razão de viver. Era ela que lhe dava coragem de suportar as colônias de formigas que, noite após noite, atacavam seus membros fantasmas, que o fazia aceitar os olhares de pena que choviam sobre ele ao passar pela rua a bordo de sua cadeira Butterfly. Giuseppe entregou os pontos quase do dia para a noite.

Durante praticamente um ano, Guylain passara o tempo lutando para não deixar o moral do velho afundar. Ele o visitava uma ou duas vezes por semana. Após abrir as cortinas para deixar a luz entrar e as janelas para renovar o ar parado que reinava no apartamento, sentava-se diante dele e segurava delicadamente as mãos do amigo, dois pássaros tépidos e moribundos que se deixavam capturar sem reagir. Então, falando de um assunto qualquer, levava Giuseppe para o banheiro. Lá banhava-o, esfregando o corpo martirizado do amigo, fazia a barba rala que crescia nas bochechas e no queixo, penteava a cabeleira desgrenhada. Guylain ainda tinha que lavar a louça suja que mofava na pia e juntar as roupas espalhadas pelo apartamento. Nunca ia embora antes de explicar a Giuseppe que era preciso resistir, que a esperança não tinha morrido, que o tempo agiria em relação aos livros do mesmo modo que o gelo que encobre as pedras, e que mais cedo ou mais tarde eles acabariam reaparecendo. Mas todos os seus esforços para tirar o velho da apatia foram em vão. Só novas exumações reacenderiam no olhar de Giuseppe a chama extinta. Como lhe ocorrera a ideia de procurar Jean-Eude Freyssinet, Guylain não sabia dizer. Por outro lado, permanecia um mistério o fato de ninguém antes dele, nem mesmo o velho, ter pensado em entrar em contato diretamente com o autor de *Jardins e hortas de antigamente*. Ele não tivera nenhuma dificuldade para descobrir o número de telefone, e, no quinto toque, a voz trêmula da Sra. Freyssinet o informara de que Jean-Eude passara desta para a melhor havia alguns anos, em plena redação de sua segunda obra, um ensaio sobre as *cucurbitaceae* e outras dicotiledôneas da Europa Central. Guylain explicara sem rodeios à viúva que, nos exemplares verde-diarreia não vendidos que ela guardava como lembrança de seu falecido, havia um pouco mais do que os restos espirituais do marido. A mulher logo concordou que apenas alguns volumes bastariam para sua felicidade e consentira sem hesitação em entregar o restante de sua coleção, ou seja, cerca de cem *Jardins e hortas de antigamente* novos em folha. Dar tudo a Giuseppe teria sido um erro grave, disso Guylain tinha consciência. Só a busca importava. Era necessário espalhar os Freyssinet com parcimônia, ao ritmo de três ou quatro por ano, nunca mais do que isso. Exatamente o necessário para fazer a vida cintilar nas pupilas do velho e manter o caçador desperto. Durante os anos de esplendor, o grande Albert se impusera como porta-voz dos *bouquinistes*. Seu tom provocador causava furor entre os turistas, que ele prendia em sua verborragia como uma aranha aprisionava mosquitos em sua teia. E, muito naturalmente, foi a ele que Guylain se dirigira para levar a cabo seu projeto. A manobra funcionava às mil maravilhas. Quando ele julgava ser o momento certo, quer dizer, quando o velho tornava a mostrar sinais de desânimo e começava a mergulhar no desespero, Guylain dava sinal verde a Albert. O alfarrabista avisava então a Giuseppe para se apressar em comunicar a Guylain que uma nova obra fora encontrada. Em

três anos, mais de uma dúzia de Freyssinet havia surgido assim, do nada, sem que o velho desconfiasse da trama.

Guylain colocou a mala na cama e, fazendo pressão com o polegar, abriu os dois fechos antes de erguer o tampo empoeirado. Contemplou sorrindo os exemplares de *Jardins e hortas de antigamente*. Oitenta e cinco, o suficiente para ainda durar uns bons vinte anos, pensou. Então, com a ajuda de uma folha de papel toalha embebida em óleo, Guylain pôs-se a pincelar diligentemente o canto direito da quarta capa.

Giuseppe morava no térreo de um prédio tinindo de novo, a menos de dez minutos da casa de Guylain. O homem nem precisou tocar a campainha. Na cozinha, de onde espreitara sua chegada, Giuseppe gritou para que entrasse, o rosto colado na janela. O lugar cheirava a limpeza. Guylain tirou os sapatos no hall de entrada, e, seguindo um ritual imutável, calçou os dois chinelos do velho, duas pantufas órfãs que pareciam sempre contentes de reencontrar pés. As prateleiras ocupavam uma parede inteira do cômodo. Os setecentos e cinquenta e oito exemplares de *Jardins e hortas de antigamente* de Jean-Eude Freyssinet repousavam ali, alinhados comportadamente nas tábuas de mogno, capa contra capa, deixando à vista as lombadas verde-diarreia. Os bebês de Giuseppe. Dava gosto ver seu jeito de acariciar a borda da lombada com a ponta dos dedos quando passava, seu desvelo em tirar a poeira com regularidade. Era carne de sua carne. Ele lhes dera seu sangue e ainda mais. E pouco importava que isso tivesse acontecido com a obra insignificante de um João-Ninguém e não com o vencedor do Goncourt do ano. Não se escolhia a aparência dos filhos. Mais no alto, o buraco doloroso nas prateleiras ainda vazias diariamente lembrava a ele dessa sua parte que ainda não havia voltado para casa. Inquieto e não aguentando mais esperar, Giuseppe agarrara o braço do amigo:

— E então?

Guylain não quis deixá-lo impaciente por mais tempo e colocou o exemplar em suas mãos. Giuseppe virou e revirou o livro, o ergueu contra a luz, verificou o ISBN, as datas e os números de impressão, folheou-o e mediu a gramatura do papel com a ponta dos dedos, cheirou-o, acariciou o papel com a palma da mão. Só então, sorrindo, apertou-o contra o peito. A cada vez, Guylain assistia maravilhado ao espetáculo comovente daquele sorriso radiante se abrindo em um rosto torturado. Giuseppe ia manter seu Freyssinet com ele durante todos os momentos, bem aconchegado sob sua manta, pousado sobre o que lhe restava das coxas, separando-se dele apenas na hora de dormir. Acontecia às vezes de pegar um exemplar ao acaso e levá-lo com ele para passar o dia. Guylain se atirou no sofá enquanto Giuseppe se ocupava com seus afazeres na cozinha. Sabia que o amigo não o largaria enquanto Guylain não tivesse bebido sua taça de espumante. Não adiantava ele repetir toda vez que o champanhe não era necessário e que, como ia beber sozinho, podia se contentar com um vinho qualquer, até uma cerveja. Mesmo assim, o velho se limitava a trazer a taça e a meia garrafa de espumante de boa safra, aberta apenas para a ocasião. Ele que,

em sua antiga vida, só bebera vinhos vagabundos, umas aguardentes desconhecidas, agora só abria os *grands crus*, de excelente qualidade, garrafas que não tinham preço e que ele se empenhava para que Guylain bebesse a todo custo. Giuseppe seguiu na cadeira de rodas até a mesa de centro sem desistir do sorriso e pôs a taça e a meia garrafa de Mumm Cordon Rouge. O primeiro gole de champanhe refrescou agradavelmente a garganta de Guylain antes de forrar seu estômago.

— O que você almoçou?

A pergunta o pegou desprevenido. Ele não comera nada. E Giuseppe o conhecia bem o bastante para saber que desde que acordara não havia comido nada além de um pouco de cereais, acompanhado por uma caneca de chá quente. Os olhinhos inquisidores do velho leram tudo isso em seu silêncio.

— Preparei um prato para você.

O tom incisivo com que ele pronunciara a frase não deixou outra alternativa a não ser aceitar o convite. Quando Giuseppe preparava um prato, a Itália inteira surgia. Após uma pastinha de anchova servida com alguns palitinhos salgados, acompanhados de uma taça de prosecco, seguiu-se um grande prato de *scattoni* com presunto cru e um *Lacryma Christi rosso*. Giuseppe gostava de lembrar a ele que se embriagar com as lágrimas de Cristo era a coisa mais bela que podia acontecer a um cristão. Guylain se surpreendeu, esquecendo por um tempo o travo de papelão fervido entranhado em suas papilas gustativas. A sobremesa, um prato de *amaretti* crocantes de amêndoas acompanhados de um copo de *limoncello* caseiro bem gelado, era pura felicidade. Eles falaram de tudo, discutiram a sociedade, a política. A Coisa os havia aproximado intimamente, uma proximidade que só a guerra de trincheiras é capaz de provocar entre os soldados que dividem o mesmo buraco de bomba. Era quase uma hora da manhã quando Guylain se despediu de Giuseppe. Os dez minutos de caminhada na noite e sob o frio glacial que se abatera sobre a cidade não foram suficientes para deixá-lo sóbrio. Ele só teve tempo de tirar os sapatos e desejar boa-noite a Rouget de Lisle antes de se jogar na cama ainda vestido, embriagado de vinho e de cansaço.

O despertador do celular, programado para acordá-lo às cinco e meia da manhã, vibrava freneticamente na mesa de cabeceira. Abaixo da superfície ondulante da água, Rouget de Lisle observava-o com seus olhos saltados. Segunda-feira. Ele não vira o domingo passar. Levantou-se muito tarde, deitou-se muito cedo. Um dia sem. Sem vontade, sem fome, sem sede, sem nem sequer uma lembrança. Rouget e ele haviam ocupado o dia andando em círculos, o peixe em seu aquário, ele em seu conjugado, já à espera dessa segunda-feira que ele detestava. Salpicou uma pitada de ração para peixe no aquário e forçou-se a comer um pouco dos cereais despejados na tigela. Escovou os dentes entre dois goles de chá, vestiu a roupa e pegou a bolsa carteiro de couro antes de descer com pressa os três andares do prédio. O frio que reinava na rua acabou por despertá-lo completamente.

Enquanto seguia pela avenida que levava à estação, Guylain contou os postes. Contar era o melhor meio que encontrara para não pensar no resto. Ele contava tudo, qualquer coisa. Um dia os bueiros, no outro os carros estacionados, as lixeiras ou ainda as portas dos prédios. A rua não tinha mais segredos para ele. Às vezes ele contava até os próprios passos. Fechar-se nessa contagem inútil o impedia de pensar em outros números, todas as toneladas que Kowalski gritava do alto de sua torre de observação nos dias de grande chegada de carregamento. Na altura do número cento e cinquenta e quatro, como todos os dias à mesma hora, o velho-de-pantufa-e-pijama-por-baixo-do-casaco-impermeável penava para fazer o cachorro mijar, um poodle extremamente anêmico e cansado. Todos os dias, o velho, com o olhar fixo no amor de sua vida, tentava convencer seu animal de estimação, Balthus, a esvaziar a bexiga nas folhinhas de plátano que se esforçavam para sobreviver no meio da calçada. Guylain nunca deixava de cumprimentar o velho-de-pantufa-e-pijama-por-baixo-do-casaco-impermeável e de encorajar Balthus em suas peregrinações urinárias com um afago amigável. Contou mais dezoito postes até chegar à estação.

De pé sobre a linha branca, Guylain estava aéreo, meio sonolento, quando sentiu que alguém puxava sua manga. Virou-se. Elas haviam chegado silenciosamente às suas costas. Duas vovozinhas que o comiam com os olhos. Seus cabelos com permanentes lançavam reflexos da mesma cor que a cadeira Butterfly 750 de Giuseppe. A iridescência violeta do penteado não era desconhecida. Ele teve a sensação de já ter visto essas senhoras no trem diversas vezes. A que estava mais atrás cutucava a outra com o cotovelo.

— Vai, Monique, fala você.

Monique não tinha coragem. Apertava, nervosa, as próprias mãos sem saber o que fazer, pigarreava, dizia uns “Mas então”, uns “Está bem”, uns “Pare, Josette, senão vou embora”. Guylain quase teve vontade de tranquilizar Monique, de lhe dizer que estava tudo bem, que ia dar certo, que as primeiras palavras eram sempre as mais difíceis, e que depois, em geral, as coisas se ajeitavam sozinhas, não havia por que ter medo. Acontece que ele não tinha a menor ideia do que essas boas senhoras queriam, a não ser o fato evidente de que desejavam falar com ele. Agarrada a sua bolsa como a uma boia salva-vidas, a tal Monique terminou por se jogar na água:

— Então... Nós queríamos dizer que gostamos muito do que o senhor faz.

— Ahn? Do que eu faço? Como assim? — perguntou Guylain, incrédulo.

— Bem, quando lê de manhã no trem e tudo o mais. A gente gosta disso, e nos faz um bem danado.

— Obrigado, é muita gentileza, mas, sabem, isso não é nada de mais, só leio umas páginas...

— Então, justamente, Josette e eu gostaríamos de lhe pedir uma coisa, se não for incômodo. Ah, claro, nós vamos entender se o senhor não puder, mas ficaríamos muito contentes se aceitasse. Isso nos agradaria muito, e não lhe tomaria tanto tempo, poderia ser quando quisesse, e só o que fosse possível. Não queremos aborrecê-lo, de forma alguma.

Guylain quase começou a sentir saudades do instante em que a tal Monique se contentava em apenas apertar as próprias mãos.

— Desculpe, mas o que a senhora quer dizer exatamente por “agradar muito”?

— Bem, então, na verdade gostaríamos muito que o senhor fosse ler lá em casa de vez em quando.

Ela havia soltado o fim da frase com um suspiro, tornando as últimas palavras quase inaudíveis. Guylain não pôde deixar de olhar perplexo para essas duas fâs octogenárias que o reivindicavam só para elas. Comovido com esse pedido incomum, ele balbuciou um início de resposta:

— Quer dizer...

— Mas olhe — interrompeu Monique —, é preciso que saiba que quinta-feira não dá porque temos partidas de *gin rummy*, mas todos os outros dias estão livres. Menos domingo, claro, por causa das famílias.

— Esperem, eu só leio pedaços de textos, páginas soltas que não têm ligação entre si. Não faço leitura de livros.

— Ah, sim, mas isso nós sabemos. Não nos incomoda. Pelo contrário! É até melhor. É menos monótono, e, pelo menos, se o texto não for interessante, sabemos que nunca vai durar mais de uma página. Já vai fazer um ano que Josette e eu costumamos vir ouvi-lo todas as segundas e quintas de manhã no trem. É um pouco cedo para nós, mas não tem importância, isso nos força a sair

de casa. E, depois, como é nos dias de feira, matamos dois coelhos com uma cajadada só.

Essas duas velhinhas eram comoventes, cada uma delas embrulhada em seu casaco bege e as duas escutando-o com uma atenção apaixonada. Guylain sentiu uma vontade súbita de ceder à loucura delas, de exportar suas peles vivas para outro lugar fora do vagão sinistro do qual se utilizava todos os dias.

— Mas onde as senhoras moram?

A pergunta ecoou nos ouvidos delas como uma aceitação firme e definitiva. Cheias de alegria, as duas se congratularam, dando pulinhos sem sair do lugar. Enquanto a tal Monique colocava seu cartão de visitas na mão de Guylain, a outra dizia no ouvido da amiga:

— Eu tinha dito que ele era gentil.

O cartão informava nome e endereço em meio a um canteiro de flores em tons pastel. Senhoritas Monique e Josette Delacôte. 7 bis, beco de la Butte, 93220, Gagny. Algo fora riscado com firmeza à caneta. Guylain supôs que Monique e Josette fossem irmãs. Beco de la Butte, na parte alta. A uma boa meia hora a pé de sua casa.

— Decidimos juntas que, se o senhor estiver de acordo, arcamos com os custos do táxi na ida e na volta. Será mais prático e menos cansativo.

Guylain disse a si mesmo que as irmãs Delacôte deviam ter pensado o projeto por um bom tempo antes de vir encontrá-lo.

— Olhem, eu gostaria de experimentar, mas não queria que considerassem isso como um compromisso de longo prazo. Que fique bem claro entre nós, quero fazer um pequeno teste, mas com a possibilidade de parar a qualquer momento.

— Ah, mas foi assim que entendi, e a Josette também, não é, Josette? E que dia o senhor pode vir?

Em que vespeiro ele estava se metendo? Nos dias de semana, Guylain ficava muito cansado para conseguir fazer qualquer coisa.

— Só estou livre aos sábados. No fim da manhã.

— Pode ser aos sábados, mas de preferência por volta das dez e meia, porque a gente almoça às onze e meia.

O trem chegava à estação quando eles combinaram para às dez e meia do sábado seguinte. Sentado em seu banco retrátil, Guylain deu início à primeira pele viva do dia, uma receita de sopa de legumes à moda antiga que ele desfiou sob o olhar encantado das duas irmãs Delacôte, que haviam se instalado no banco mais próximo para beber melhor suas palavras.

De segunda a sexta, Guylain se assoberbou de trabalho. Com o início do Salão do Livro de Paris, o fluxo de caminhões se intensificou consideravelmente. A época de muitos lançamentos, em setembro, e o período propício a prêmios literários existiam havia muito tempo. Era preciso abrir espaço nas livrarias, tirar as obras encalhadas das prateleiras. Os recém-chegados empurravam os mais antigos para a saída e recebiam a ajuda da lâmina da escavadeira. Da manhã até a noite, eles deviam nivelar mais e mais a merda da montanha que não parava de se elevar do chão da usina. Os recipientes se enchiam no ritmo de um a cada vinte minutos. Ninguém se dava mais o trabalho de desligar a Zerstor para proceder à substituição das cubas.

— Muito tempo perdido — ladrara Kowalski no início da semana. — Isso atrasa demais, e a gente acaba perdendo caçambas com essas babaquices.

Repentinamente eles tinham que patinar na lama a cada mudança de recipiente e receber sem reclamar os peidos nauseantes que a Coisa lhes soltava na cara quando estavam atrás dela. E quando enfim dava a hora do término do expediente, Guylain ainda tinha que aguentar Kowalski, que vinha berrar para eles do alto de sua passarela, todo orgulhoso, a tonelagem do dia. Para o gordo, só importava a curva do gráfico, essa linha vermelha insignificante com toneladas no eixo das abscissas e euros no das ordenadas, que era como um grande rasgo cor de sangue cruzando a tela de dezenove polegadas em sua mesa.

O fim de semana chegou como um porto onde depositar todo o cansaço acumulado nos dias anteriores. Monique e Josette Delacôte o esperavam. O táxi pedido quinze minutos antes chegou na parte alta da avenida e parou a seus pés. Guylain se apressou para entrar no carro e informou seu destino ao motorista, que, com um movimento autoritário no volante, se misturou ao tráfego intenso dessa manhã de sábado. Menos de dez minutos depois, o carro entrou numa larga alameda de cascalho. Ao passar pelo portão, Guylain teve tempo de ler a inscrição que se estendia em letras douradas na placa reluzente: LAR AS GLICÍNIAS. Logo lhe vieram à mente as palavras riscadas no cartão de visitas das irmãs Delacôte. Ao ver a imponente casa construída no meio do parque, Guylain não conseguiu conter um suspiro de surpresa. Desde o início, ele esperara uma casa comum de subúrbio. Enquanto o táxi percorria os últimos metros, ele se lembrou das palavras da velha senhora: “A gente almoça às onze e meia”, “Quinta-feira não dá porque temos partidas de *gin rummy*” e “Menos domingo, claro, por causa das famílias”. A estranheza dessas palavras se

dispersou diante das numerosas silhuetas que se moviam nas janelas. Ele entendeu na hora que esse “a gente” que ela às vezes empregava em suas frases aparentemente não se limitava somente às irmãs. O barulho do cascalho sob as rodas do táxi foi diminuindo às suas costas enquanto Guylain se encaminhava com passos hesitantes até a residência. Monique, sempre acompanhada por Josette, como se fosse sua sombra, veio ao seu encontro com passinhos apressados. Elas estavam maquiadas e arrumadas como se para seu primeiro baile.

— A gente ficou com medo de que o senhor tivesse mudado de ideia na última hora e não viesse. É que todo mundo está curioso para vê-lo, sabe?

Guylain engoliu o nó de angústia em sua garganta, que o sufocava. Quantos eram esse “todo mundo”? Ele imaginou apavorado um canteiro de cabeleiras violeta. Por alguns segundos, arrependeu-se de não ter ficado embaixo de seu edredom observando Rouget de Lisle brincar com suas bolhas.

— Venha, vamos apresentá-lo. Por falar nisso, a gente nem sabe o seu nome.

— Guylain. Guylain Vignolles.

— Ih, Guylain é bonito. Bonito demais até, hein, Josette, é bonito.

Ele disse a si mesmo que poderia se chamar Gérard, Anicet ou Houcine, e isso não teria mudado em nada o modo como Josette o devorava com os olhos. Ele adentrou o Glicínias ladeado pelas duas irmãs agarradas a seus braços. No imenso hall, meia dúzia de idosos encolhidinhos se encontravam sentados em um banco, sonolentos. O local parecia novo. Impessoal, funcional e asséptico foram as três palavras que vieram à mente de Guylain ao olhar o entorno. Os sons de bengalas deviam ecoar ali como em uma cripta, pensou ele, estremecendo. A casa não tinha cheiro de nada, nem de morte.

— É por aqui — disse Monique, arrastando-o para o refeitório. — Bem, você vai precisar falar alto.

O lugar estava lotado. Amontoavam-se ali quase vinte homens e mulheres, cada um mais velho que o outro, e todos os olhares radiografaram Guylain dos pés à cabeça quando ele passou pela porta. Entre eles, achava-se a equipe de funcionários, reconhecível não só pela juventude, mas também pelo cor-de-rosa das blusas. Para a ocasião, as mesas haviam sido afastadas e encostadas junto às paredes para abrir espaço. Guylain contemplou angustiado a poltrona disposta no meio do refeitório e que o chamava com seus braços.

— Eu lhes apresento o Sr. Guylain Gignolle, que nos dá a honra de vir hoje ler um pouco para nós, e peço a todos que o recebam calorosamente.

Guylain agradeceu Monique com um sorriso indulgente por ter aleijado seu nome e saudou a plateia com um breve gesto de cabeça. Ao piscar, a Miss Delacôte *number two* lhe revelou a sombra perolada cor de salmão que recobria suas pálpebras e convidou-o a se instalar na poltrona, apontando-a com o queixo. Como um autômato, Guylain cruzou o local com um andar que se queria descontraído, mas que não passava de esbarrões e tropeços, tão grande era seu medo de ser o centro das atenções. Reinava no refeitório um calor de forno a lenha, faltando o cheiro. O homem se sentou no estofado aveludado da poltrona de um rei Luís-alguma-coisa e tirou da bolsa o pacotinho de páginas soltas. Então, enquanto todos aqueles olhos de catarata incipiente ou já instalada o fitavam, ele se lançou na leitura dessa primeira pele viva:

— “Ilsa olhava a mosca. A cadela contemplava, fascinada, o inseto que não parava de entrar e sair pela bocarra aberta do homem. Era sempre a mesma manobra. A mosca se erguia um instante no ar, com aquele jeito estranho de voar que as moscas têm e que irritava Ilsa, desviando em ângulo reto, como se prisioneira de um cubo invisível, antes de voltar ao ponto de partida. Era uma bela mosca carnuda, bem barriguda, com o abdômen cheio de reflexos azulados quase estourando de centenas de ovos que só desejavam rebentar quando depositados no coração de toda aquela carne morta. A cadela nunca notara até que ponto uma mosca podia ser interessante. Normalmente, ela se contentava em caçá-las com um movimento de cabeça, vendo-as apenas como coisinhas pretas que cortavam o ar zumbindo. Com frequência, sua mandíbula se fechava no vazio. Com a chegada do inverno, as moscas desapareciam como por mágica, deixando como encaço apenas algumas múmias secas pousadas no parapeito das janelas. No inverno, a cadela esquecia as moscas, até o verão seguinte.

“O inseto pousou no lábio inferior do homem, andou a passos curtos de um lado a outro, como um soldado fazendo sua ronda, antes de passear na língua violácea. A mosca desapareceu completamente da vista de Ilsa enquanto se metia nas profundezas escuras e úmidas para colocar um novo rosário de ovos no meio da carne gélida. De vez em quando, a mosca abandonava o cadáver para pousar no pote de geleia em cima da mesa. A cadela conseguia ver a boca minúscula se colar à superfície translúcida da geleia de groselha. O cheiro de

café com leite ainda pairava no ar, pesado e açucarado. Ao se espatifar, a tigela desenhara uma linda poça em forma de estrela...”

Um ronronar abafado veio da terceira fila, onde uma boa senhora, cabeça inclinada para trás e boca aberta, parecia esperar sua vez de receber a visita da mosca. O restante da plateia, imóvel, espreitava o que viria a seguir sob um silêncio religioso. Monique, com o polegar direito erguido em um gesto de aprovação, estava radiante. Enquanto Guylain virava a folha para ler o verso, uma senhora balbuciou uma pergunta:

— Mas sabem do que esse senhor morreu?

Esta primeira intervenção ecoou como um convite ao debate. Perguntas e suposições começaram a chover de todos os lados.

— De um ataque, sempre é de um ataque.

— Um ataque de quê? E por que seria um ataque, pode nos dizer, André? — retrucou uma senhora parecendo irritada.

Guylain não sabia o que André tinha feito ou não àquela fúria enrolada em um penhoar acolchoado azul-celeste, mas a verdade é que a resposta sempre tinha o impacto de uma bofetada.

— Bom, sei lá. Um aneurisma ou um infarto. Um ataque, ora — gaguejou o velho.

— É, mas e a mulher dele, por que não chamou uma ambulância? — perguntou outro.

— Que mulher? Não é a mulher dele, é a cadela. Lisa, ela se chama Lisa — disse um vovô de boné.

— Lisa não é nome de cachorro.

— E daí? Veja a Germaine, ela batizou o canário de Roger, como o falecido dela.

A tal Germaine se contorceu constrangida em sua cadeira.

— Eu achava que era a mosca que se chamava Lisa — disse uma senhora toda de preto, que lembrava uma múmia.

— Por favor, por favor, talvez possamos deixar o Sr. Signal ler a continuação, o que certamente nos permitirá saber um pouco mais — interveio Monique com toda sua autoridade.

Definitivamente, pensou Guylain, a Miss Delacôte *number one* tinha o dom de aleijar seu nome a cada sílaba. Aproveitando a breve calmaria, ele ergueu a voz na brecha de silêncio que ela entreabrira para prosseguir com a leitura:

— “...salpicando os pés da cadeira e as meias do homem. Mas, por trás desses eflúvios perfumados que vinham do chão, havia outro cheiro mais embriagador para Ilsa. Era o de sangue, lancinante. Estava por toda parte, ancorado em cada uma das moléculas de ar que a cadela respirava, prisioneiro como ela do minúsculo espaço fechado. Ilsa não podia fugir dele. Esse cheiro a deixava louca. A poça vermelha aumentara rapidamente na superfície de fórmica, envolvendo

primeiro o pote de geleia antes de atingir a beirada da mesa para pingar demoradamente no chão. Litros de sangue que haviam escapado em um belo gêiser escarlate pelo minúsculo buraco que a bala abriu...”

— Ah! Viu, André? Não foi um ataque.

— Shhh!

— “...na têtpora do homem. Quando o tiro ecoara, Ilsa se encolhera rapidamente, o coração aos pulos. Não conseguira tirar os olhos da boca fumegante da arma caída no chão. O homem havia tombado para a frente sobre a mesa, como um saco de areia, a cabeça virada para ela, os olhos arregalados. Já fazia três dias, e nenhuma outra pulsação viera mover suas pálpebras. Mais uma vez, a cadela subiu a escada estreita até a porta, uma porta que suas patas haviam arranhado com toda a força do desespero sem conseguir nada além de descascar o verniz. Ilsa respirou avidamente o ar quente que se precipitava pelo buraco da fechadura. Era um ar saturado de umidade, insípido e ao mesmo tempo salgado.”

Fim da folha número um. Normalmente, em suas leituras matinais no trem, Guylain logo emendava na página seguinte, mas ali, fosse pela ardência dos olhares ou pela profundidade do silêncio que se instalara, ele fez uma pausa e ergueu a cabeça. Todos sem exceção o fitavam, até a Sra. Eu-ronrono-com-a-cabeça-para-trás, que estava de volta naquele momento. Ele sentiu que muitas questões permaneciam em suspenso, que seria necessário resolver muitos enigmas ou, pelo menos, tentar circunscrevê-los.

— Então, não foi um ataque — esbravejou a gorda rancorosa que parecia extasiada de mostrar que André se enganara.

À esquerda de Guylain, uma senhora levantou o dedo. Monique lhe deu a palavra com um breve gesto de cabeça.

— É um suicídio?

— Bom, em todo caso, parece muito. — Guylain ficou surpreso ao se ver confirmando em um tom conciliador.

— Com certeza ele fez isso com uma .45 — afirmou um gordinho com voz rouca.

— Eu diria que foi com uma .22. A história fala de um buraco minúsculo — respondeu outro.

— E por que não seria uma carabina? — gaguejou uma velha toda encolhida em sua cadeira de rodas.

— Vamos pensar, Sra. Ramier, como a senhora daria um tiro na própria têtpora com uma carabina?

— Ou então é um assassinato, mas não acredito nisso — falou um velhinho, com uma expressão dubitativa.

— Mas onde isso aconteceu? — perguntou o tal André.

— Sim, onde aconteceu? E por que o sujeito fez isso? — acrescentou, inquieta, uma vovozinha.

— Eu diria que é numa fazenda no meio do mato.

— E por que não em um apartamento na cidade? Não seria impossível. Todos os anos encontram pessoas que já estavam mortas há vários dias, até mesmo há várias semanas, e que, no entanto, viviam cercadas de vizinhos.

— Pois eu digo que isso aconteceu em um barco. Um veleiro ou um pequeno iate. O sujeito foi para alto-mar com sua cadela antes de meter uma bala na cachola. O texto diz isso, fala de um ar saturado de umidade, insípido e ao mesmo tempo salgado.

Monique, que parecia constrangida pelo rumo que as coisas tomavam, aproximou-se de Guylain para sussurrar as seguintes instruções:

— Sr. Vignal, talvez fosse melhor seguir para a segunda folha. O tempo está passando.

— A senhora tem razão, Monette...

— Não, eu sou Monique.

Devia ser contagiosa essa coisa da Monique, pensou Guylain.

— Desculpe, Monique.

Ele lamentou anunciar-lhes que, embora o debate fosse válido, ele precisava, apesar de tudo, seguir adiante e deixar esse cadáver, sua mosca e a cadela continuarem a vagar em alto-mar, no mato ou em pleno 18^o *arrondissement* se lhes desse na telha. Uma vovó na primeira fileira que estava inquieta em sua cadeira havia bem uns cinco minutos ergueu a mão.

— Sim, Gisèle? — disse Monique.

— Posso ir ao banheiro?

— Claro que sim, Gisèle.

Guylain assistiu à revoada de meia dúzia de vovós em meio ao barulho das bengalas e do arrastar de cadeiras. O pequeno grupo se dirigiu em cadeiras de rodas, com passinhos curtos e rápidos ou mancando em direção ao banheiro. Monique fez um sinal para Guylain, indicando que os ponteiros do relógio continuavam a andar e que seria bom iniciar outra leitura. Ele pegou ao acaso uma nova pele viva em meio ao monte colocado a seus pés.

— “Havia quase dez minutos, a voz de Yvonne Pinchard se derramava nos ouvidos do padre. O pequeno postigo vazado atrás do qual estava o padre Duchaussoy mal filtrava o fluxo de palavras cochichadas que se precipitava em grandes golfadas de sílabas no confessional. O tom queixoso da senhora carregava grandes baforadas de arrependimento. De vez em quando, o pároco murmurava um sim discreto de encorajamento. Após várias décadas de sacerdotício, ele se distinguia nesta arte que consistia em convidar os fiéis a prosseguir sem nunca interrompê-los. Soprar levemente as brasas, reavivar a falha para que nasça a penitência. Não colocava de pronto no percurso da

confissão dos fiéis uma expressão de perdão. Não, preferia vê-los ir até o fim, de modo que, afinal, eles mesmos se prostrassem sob o peso do remorso. Apesar do ritmo veloz de sua confissão, Yvonne Pinchard ainda levaria uns bons cinco minutos para purgar a alma. Encostado na divisória, o eclesiástico recolheu com as mãos um enésimo bocejo enquanto seu estômago roncava em protesto. O velho padre estava com fome. De seus primeiros anos de sacerdócio, ele conservara esse hábito de cear frugalmente nas noites de confissão. Uma salada acompanhada de uma fruta da estação muitas vezes era o suficiente. A intenção era não se sobrecarregar de mais nada senão de razão, e de reservar espaço para o restante. O peso dos pecados não era uma visão vã do espírito. Ah, não! Duas horas de vigília penitencial podiam nos saciar e nos encher o corpo tanto quanto um banquete de comunhão. Um sifão de pia, eis o que ele era quando se via confinado com Deus nesse cubículo minúsculo. Nada mais que um desses grandes sifões que recolhem em seu fundo de metal todas as sujeiras da Terra. As pessoas se ajoelhavam, exibiam diante dele suas alminhas sujas da mesma maneira que colocariam sapatos enlameados sob o fio de água da torneira. Uma absolvição e estava resolvido. Elas voltavam dali com o passo leve dos purificados. O padre saía então da igreja com um andar ofegante, nauseado com toda a imundície que penetrara em seus ouvidos. Mas, atualmente, com a contribuição do desgaste dos anos, ele confessava sem alegria, sem tristeza também, contentando-se em mergulhar nesse semitorpor que a atmosfera aconchegante do confessionário inevitavelmente gerava.”

Logo em seguida, ele pegou uma terceira folha antes da avalanche de perguntas que não deixariam de vir se ele demorasse muito. O relógio pendurado acima da porta dupla já marcava 11h15.

— “A moça que pedia carona havia dito que se chamava Gina. John tentara em vão atrair o olhar da jovem escondido por imponentes óculos escuros. Pela enésima...”

— Sr. Vagnol, acho que a Sra. Lignon tem algo a lhe perguntar — interveio Monique.

A velhinha em questão era uma senhora enrugada que se encontrava rija como um pedaço de pau ao lado de Monique. Uma escultura de Giacometti em carne e osso, pensou Guy lain.

— Não tem problema, pode falar.

— Vá em frente, Huguette — encorajou a Delacôte *number one*.

— Então, senhor, eu fui professora por mais de quarenta anos e sempre adorei esses exercícios de leitura em voz alta. Ficaria muito feliz de poder ler só uma paginazinha.

— Com todo prazer. Huguette, não é? Venha até aqui, sente-se, Huguette.

Depois que as duas garras que usava como mãos tomaram a página dos dedos de Guylain, ela se acomodou na poltrona. Os óculos com armação de metal

equilibrados em seu nariz lhe davam um ar de velha professora aposentada, o que lhe caí muito bem, pensou Guylain, pois é o que ela era. Na mesma hora, fez-se silêncio na classe. Sua voz era surpreendentemente clara, exceto por um ligeiro tremor que com certeza se devia à emoção.

— “A moça que pedia carona havia dito que se chamava Gina. John tentara em vão atrair o olhar da jovem escondido por imponentes óculos escuros. Pela enésima vez desde que entrara no veículo, Gina cruzou as pernas, pernas torneadas que pareciam intermináveis. O rangido sedoso da meia-calça torturou John.”

Guylain sobressaltou-se. A última frase pronunciada por Huguette Lignon o fizera suar frio. Ele compreendeu na mesma hora que haveria um pequeno problema. Desde que passou a resgatar peles vivas das entranhas da Zerstor, nunca tivera o cuidado de fazer uma leitura preliminar das páginas, preferindo lê-las em voz alta sem conhecer de antemão o conteúdo do texto. Em todos esses anos de prática, até o momento nunca havia lido um trecho do gênero que Huguette estava proferindo, uma Huguette encantada que se empenhava ao máximo para acertar o tom, mas que parecia não ter se dado conta de para onde aquilo se encaminhava. Aliás, nem ela nem o restante da plateia, que a escutava com avidez.

— “Enquanto ele se esforçava para olhar a estrada à sua frente, a mulher lhe pediu fogo. Ele não tinha por hábito deixar quem quer que fosse fumar em seu caminhão, mas se surpreendeu ao se ver estendendo o isqueiro. Ela segurou o punho dele com as duas mãos e aproximou a chama do Chesterfield entre seus lábios, dois lábios carnudos realçados por um toque de brilho labial. Ela mergulhou na direção do cinzeiro, roçando o seio esquerdo no bíceps musculoso de John, que estremeceu ao contato desse peito de uma firmeza deliciosa.”

Meu Deus, era mesmo o que ele temia. Eles estavam fadados ao desastre se Guylain não intervisse rapidamente. Ele precisava interromper aquilo antes que John e Gina estivessem completamente nus e deitados na cabine do caminhão, a mucosa de um encontrando a do outro. E, no ritmo em que as coisas iam, isso tinha grandes chances de acontecer antes do fim da segunda página!

— Huguette, acho que seria preferi...

— Shhh!

Foi um “shhh” unânime, entoado por um grupo que não queria perder um segundo da narrativa e que fazia Guylain entender que, no momento, qualquer intervenção de sua parte seria das mais inoportunas. Ele tentou chamar a atenção de Monique com uma ou duas estaladas de dedos, mas ela estava completamente hipnotizada pelo desenrolar da história. Já sua irmãzinha, encostada na parede, olhos fechados, bebia com os dois ouvidos a voz cada vez mais clara e menos trêmula de Huguette, que seguia em frente sem desviar do rumo.

— “Sob o efeito do desejo intenso que o tomava, o caminhoneiro logo se sentiu desconfortável com a calça jeans justa. Essa mulher era o diabo, um diabo desejável que a cada expiração inclinava a cabeça para trás enquanto lançava a fumaça do cigarro na direção da lâmpada do teto, quadris arqueados e peito empinado à frente. Ela tirou os óculos, revelando dois olhos de um azul intenso. Apoiada com o cotovelo na porta, se virou quase completamente para John e entreabriu as pernas numa pose lasciva. Então, não aguentando mais, o homem parou o caminhão de trinta e oito toneladas no acostamento da rodovia em meio à uma grande nuvem de poeira e lançou-se sobre a mulher, que se ofereceu a ele sem qualquer resistência. Ao mesmo tempo que arrancava a calcinha de renda, saboreava com vontade esses lábios que se abriam para ele. Gina deslizou uma mão experiente para dentro da calça de John à procura do sexo intumescido.”

Uma buzina alta trouxe todo esse pequeno grupo de volta à realidade. O táxi manifestava sua impaciência com o pisca-alerta acionado no meio do caminho de cascalho. Alguns dos idosos vieram falar com Guylain para lhe agradecer calorosamente a visita, lamentando a brevidade. As bochechas estavam coradas, havia brilho nos olhares. Parecia que a leitura de Huguette trouxera um pouco de vida ao Glicínias. Uma senhorinha, com o guardanapo já colocado no peito para a refeição, perguntou a quem quisesse ouvir o significado da palavra “intumescido”. Guylain foi embora depressa, não sem antes prometer que voltaria no sábado seguinte. Não se sentia tão vivo havia muito tempo.

O pen drive entrou na vida de Guylain Vignolles pelo maior dos acasos. Ele poderia não tê-lo visto ou, simplesmente, até mesmo ignorado. O pen drive também poderia ter caído em outras mãos, seguido outro destino. O fato é que naquela manhã fria de março, o objeto pulou do banco retrátil quando Guylain baixou o assento. Uma coisinha de plástico um pouco mais grossa que uma peça de dominó e que quicou no chão do vagão antes de parar diante de seus pés. Inicialmente ele pensou que era um isqueiro, antes de perceber que se tratava de um pen drive, um simples pen drive grená. Ele o pegou do chão, girou-o com os dedos sem saber direito o que fazer com aquilo e então o guardou no bolso do casaco. A leitura das peles vivas que se seguiu foi das mais maquinais, de tanto que sua mente estava tomada por esse concentrado de memória que repousava no fundo de seu bolso. Ele mal ouviu os berros de Kowalski, mal prestou atenção nos sorrisos irônicos de Brunner. Mesmo as tiradas de Yvon na hora do almoço não conseguiram desviá-lo de seus pensamentos. E, naquela noite, sua primeira ação ao entrar em casa não foi alimentar Rouget de Lisle como de costume, mas se precipitar para o laptop, conectar o pen drive e violá-lo com um duplo clique.

Desapontado, Guylain contemplou a tela de dezenove polegadas. O dispositivo se abria para um deserto. Perdida em meio à imensidão luminescente, a única pasta que continha trazia o nome pouco evocativo de “Nova pasta”, e não permitia pressagiar perspectivas muito apaixonantes. Uma breve pressão no mouse com o indicador abriu as portas para o desconhecido. Eram ao todo setenta e dois, setenta e dois arquivos sem outra denominação além do respectivo número. Intrigado, Guylain parou o cursor no primeiro deles e clicou nervosamente.

1.doc

Uma vez por ano no equinócio de primavera, eu reconto. Assim, só para ver, comprovar que nada jamais muda. Nesse momento do ano tão particular em que a noite e o dia compartilham o tempo em partes iguais, eu reconto, tendo no íntimo a ideia ridícula de que talvez, sim, um dia talvez até uma coisa a princípio tão imutável quanto a quantidade de cerâmicas que reveste meus domínios do piso ao teto possa mudar. Isso é tão inútil e idiota quanto acreditar na existência do príncipe encantado, mas há em mim esse fragmento de garotinha que não quer morrer, e que, uma vez por ano, quer acreditar em milagres. Conheço de cor as minhas cerâmicas. Apesar dos golpes diários de esponja e produtos de limpeza, muitas continuaram brilhantes como no primeiro dia e souberam conservar intacto

esse esmalte ligeiramente leitoso que recobre sua terracota. Para dizer a verdade, essas pouco me interessam. O grande número fez de sua perfeição uma banalidade sem atrativo. Não, as minhas atenções vão antes para as defeituosas, as rachadas, as amareladas, as lascadas, para todas as cerâmicas que o tempo aleijou e que dão ao lugar, além desse estilo meio antiquado do qual passei a gostar, um toque de imperfeição que estranhamente me acalma. “É nas cicatrizes dos gueules cassées, os militares sobreviventes da Primeira Guerra Mundial com sequelas de combate, sobretudo deformações no rosto, que é possível ler as guerras, Julie, não nas fotos dos generais em seus uniformes engomados e recém-passados”, disse-me um dia minha tia enquanto nós duas lustrávamos vigorosamente com flanelas os ladrilhos para lhes devolver o brilho de outrora. Às vezes digo a mim mesma que o bom senso de minha tia merecia ser ensinado na faculdade. Os meus gueules cassées testemunham que aqui, como em qualquer lugar, a imortalidade não existe. Dentre todo esse grupinho de cerâmicas danificadas, naturalmente tenho as minhas preferidas, como a que fica no alto, à esquerda da terceira torneira, e cujo brilho ausente desenha uma bela estrela de cinco pontas, ou essa outra cujo brilho nunca desapareceu e o aspecto estranhamente terno contrasta com a pureza faiscante de suas congêneres da parede norte.

Portanto, esta manhã, nas primeiras horas da primavera, percorri minha área ladrilhada, caneta e bloco em mãos, a fim de proceder à grande contagem anual de minhas cerâmicas. Meus passeios obedecem a uma lógica bastante cartesiana, que consiste em ir do mais fácil ao mais difícil, do mais visível ao menos acessível. Assim, o recenseamento começa sempre pelas duas vastas paredes que se estendem de ambos os lados da escada que leva aos meus domínios. E depois percorro as paredes norte e oeste, e o canto formado por elas onde se encontra a mesinha que me serve de escrivaninha. Ao passar, não deixo de abrir a porta do depósito para contar as poucas cerâmicas que servem de tapete para as paredes de divisória, e que ficam mergulhadas nas trevas da manhã até a noite, em meio a vassouras, baldes, embalagens de produtos de limpeza e panos de chão. De vez em quando, preciso suspender a contagem para acrescentar no bloco com espiral o resultado dos meus levantamentos. Empurrando com o ombro, entreabro a larga porta vaivém que dá no setor feminino. Ali, varro com o olhar aguçado o contorno dos espelhos, a superfície das bancadas, a parte de baixo das pias. Após inspecionar uma a uma as oito cabines, vasculhando com os olhos os recantos escuros para desentocar os azulejos afogados na penumbra, saio para proceder da mesma forma no masculino, área em tudo idêntica à do outro gênero, a não ser pelos seis mictórios que ornem a parede ao fundo.

Sentada diante da mesa, peguei a calculadora científica guardada na gaveta para digitar freneticamente um a um os números escritos no bloco. Como em todos os anos, meu coração começou a bater um pouco mais depressa no instante em

que meu dedo pressionou a tecla EXE para a grande soma final. E, naturalmente, como em todos os anos, foi o mesmo número desesperador que invadiu a tela: 14.717. Sonho sempre com um número mais caloroso, mais redondo, mais agradável aos olhos. Um número que contenha alguns zeros bem barrigudos, até uns oitos, uns seis ou uns nove tão pançudos quanto possível. Um belo três, generoso como o peito de uma ama de leite, seria mais que suficiente para a minha felicidade. Um número como 14.717 é só osso. Expõe-nos sua magreza sem rodeios, agride nossa retina com o agudo de seus ângulos. O que quer que façamos, quando colocado no papel parece sempre uma sequência de retas fraturadas. Bastaria uma única cerâmica a mais ou a menos para vestir esse número antipático com um início de redondeza agradável. Suspirando, guardei a calculadora em seu estojo. 14.717. Vou precisar mais uma vez me contentar com esse número sem graça pelos próximos doze meses.

Apesar de todo o cansaço do dia que incendiava seus olhos, Guylain releu o texto três vezes. E a cada uma delas passeava junto a essa mulher com o mesmo arrebatamento. Após fazer para si um chá preto bem forte, imprimiu tudo e se enfiou debaixo do edredom antes de começar a leitura do segundo documento. Até o meio da madrugada, Guylain leu todos os setenta e dois textos com uma voracidade jubilosa. Percorrida a última página, mergulhou no sono, repleto dessa Julie e de seu mundinho ladrilhado que acabavam de surgir em sua vida.

Nessa manhã, Guylain não contou ao descer a avenida. Nada, nem seus passos, nem os plátanos, nem os carros estacionados. Pela primeira vez, não sentiu necessidade disso. À luz do dia nascente, a pichação no aço da porta de enrolar da livraria La Concorde pareceu-lhe mais colorida do que de costume. A bolsa de couro pesava agradavelmente em sua mão direita, balançando no ritmo de seu andar. Mais adiante, ele passou, sem que nenhum nojo o inundasse, pelas baforadas quentes de gordura que o respiradouro do açougue Meyer e Filhos vomitava continuamente. Em toda parte, havia apenas reflexos e cintilações. O breve aguaceiro no meio da noite havia embelezado todas as coisas, envernizando-as com sua água. Na altura do número cento e cinquenta e quatro, ele não deixou de cumprimentar o velho-de-pantufa-e-pijama-por-baixo-docasaco-impermeável. O homem sorria de alegria diante de Balthus, que regava com um longo jato forte o pé de sua árvore. Guylain subiu o lance de degraus que levava à plataforma e foi até sua linha. Ela se estendia no meio do cinza, mais branca que nunca. O trem das 6h27 chegou à estação às 6h27 em ponto. O banco retrátil não gemeu quando ele abriu o assento. Guylain tirou a pasta da bolsa pousada a seus pés. Embora o processo não diferisse em nada do dos outros dias, pareceu aos observadores mais atentos que os gestos dele estavam menos mecânicos. O mal-estar que normalmente enrijecia seus traços em uma máscara triste desaparecera. Esses mesmos observadores também puderam notar que mata-borrões e pedaços de páginas haviam dado lugar a folhas comuns de formato A4. Sem nem sequer esperar a partida da composição, Guylain leu o primeiro texto com uma voz grave:

— “8.doc. Gosto muito de chegar cedo ao shopping. Deslizar o abre-te sésamo na fechadura da portinha lateral que fica nos fundos do estacionamento. É meu ponto de entrada, essa insignificante porta de aço pichada de alto a baixo. Acompanhada somente do barulho de meus passos que ecoam nas portas de enrolar metálicas das lojas, subo o grande corredor central rumo aos meus domínios. A vida toda vou me lembrar da frase que minha tia me disse enquanto, do alto dos meus oito anos, eu corria pela primeira vez ao lado dela neste mesmo corredor para acompanhá-la ao trabalho: ‘Você é a princesa, minha Julie, a princesa do palácio!’ A princesa envelheceu, mas o reino não mudou muito. Um reino de mais de cem mil metros quadrados completamente deserto que não espera nada além de seus súditos. Cumprimento, ao passar, aqueles dois armários, homens encarregados da segurança da noite e que finalizam sua última

ronda antes de voltar para casa. Eles com frequência dizem algo gentil a meu respeito. Eu sempre aproveito para acariciar rapidamente a cabeça do pastor-de-beauce com focinheira que os acompanha. Só parece feroz, confidenciou-me um dia Nourredine, o dono do cão. Gosto desse momento em particular, quando o mundo parece suspender seu curso, enquanto faz sua escolha entre a luz do dia nascente e a escuridão da noite que morre. Digo a mim mesma que talvez um dia a Terra não vai retomar sua rotação e se imobilizará para sempre enquanto a noite e o dia se instalarão, cada um deles em sua respectiva posição, mergulhando-nos numa aurora permanente. Digo a mim mesma, então, que, banhadas nessa luz crepuscular que dá um tom pastel a tudo, as guerras serão talvez menos horríveis; as fomes, menos insuportáveis; a paz, mais durável; as manhãs em que se dorme até tarde, mais insípidas; as noites, mais longas. E só o branco das minhas cerâmicas não mudará, seu brilho será conservado sob a luz fria dos néons.

“No cruzamento dos três corredores principais, a grande fonte me oferece seu *glub glub* tranquilizador. Algumas moedas brilham no fundo, moedas jogadas ali por casais apaixonados e apostadores de loteria supersticiosos. Às vezes eu também jogo uma ao passar, quando me dá vontade. Assim, só pelo prazer de vê-las cintilar enquanto afundam girando no próprio eixo. Talvez também porque ainda reste em mim um pouco dessa garotinha de oito anos que espera seu príncipe encantado finalmente se dignar a vir libertá-la. Um príncipe encantado de verdade que, após ter estacionado seu belo corcel branco no estacionamento (um Audi A3 ou um Citroën DS com interior revestido de couro, por exemplo), fará uma breve parada em meu lar para esvaziar a bexiga antes de me levar em seus braços para uma longa aventura amorosa. Tenho que parar de folhear a revista *Nous Deux*. Leituras assim mexem demais com os meus estrogênios.”

“Desço os quinze degraus que levam ao subsolo do shopping para voltar ao meu local de trabalho. Com a ajuda de meu segundo abre-te sésamo, aciono o mecanismo que faz subir a porta de enrolar. Isso faz um barulho medonho, como se, por cima de minha cabeça, uma mandíbula gigante moesse o metal à medida que vai sendo engolido pelo teto. Ainda me resta uma hora antes da abertura das portas. É a minha hora, essa hora que passo na minha mesinha relendo e copiando os escritos da véspera em meu computador antes da chegada dos clientes. Gosto da ideia de que os textos amadurecem durante a noite, como uma massa de pão que deixamos descansar e encontramos na manhã seguinte muito crescida e cheirosa. Nesse momento, o ruído das digitações no teclado é para os meus ouvidos a mais bela das músicas. Quando termino e após ter guardado o computador em sua capa, visto a bata azul-celeste do meu uniforme. Uma feiura feita do tergal mais barato que existe e que me faz parecer uma atendente dos Correios dos anos 1970. Se o hábito não faz o monge, então como diria minha tia: ‘Maldita seja Sant’Água Sanitária, a santa padroeira das zeladoras de banheiros.’

É hora de Josy e do café da manhã. Josy (ela detesta que a chamem de Josiane) é responsável pelos cabelos dos clientes no salão que fica no primeiro andar. Ela é tudo que eu não sou. Ela opera no belo, eu trabalho no feio. Ela é fútil, eu sou mais do tipo sério. Ela é exuberante, eu pertença à família das inibidas reprimidas. Talvez seja por isso que Josy e eu nos damos bem. É como se sempre entrasse um pouco de sol quando ela vem aqui. Acompanhadas de croissant e café, a gente conta uma para a outra os nossos sofrimentos e as nossas alegrias. A gente bate papo, fala de clientes. Como um deles pediu a ela uma tintura de cor verde-maçã, como outro estragou uma descarga porque o babaca não tinha entendido que precisava empurrar e não puxar. Discutimos vários assuntos, contamos nossos sonhos uma para a outra, temos ataques de riso dignos de adolescentes na puberdade antes de nos desejarmos um bom-dia e dizermos até amanhã. O dia de folga dela é na terça-feira. Esses dias não têm o mesmo sabor. Falta neles algo indefinível, como um tempero que foi esquecido na preparação de um prato. Não gosto das terças-feiras.”

Antes de sair do conjugado, Guylain substituíra as peles vivas da véspera pelos textos de Julie. Fez isso sem nem sequer se perguntar o porquê. Achava muito natural restituir pequenos fragmentos da mulher ali mesmo, onde ele os havia encontrado. Ele gostava de pensar que um dia talvez Julie estivesse ali com eles, caminhando pela composição lotada escutando os próprios escritos.

— “36.doc. O gordo das dez horas veio hoje de novo. Sempre do mesmo modo. Ele desce a escada com seu andar desengonçado de hipopótamo descerebrado e vai direto para sua cabine sem nem ao menos dar um bom-dia, toda vez quase derrubando a mesa ao passar. O gordo das dez horas nunca dá bom-dia, nem, aliás, até logo. Sem uma palavra, sem um olhar, ele corre para a cabine número oito, a do fundo. Nunca o vi usar outra que não a oito. E se, por infelicidade, ela já estiver ocupada, então o moço espera, sapateia, bate pé, fica parado diante da porta, bufando de impaciência. Esse sujeito exala presunção e falta de conhecimento da arte de saber viver. Um imbecil que dirige um veículo 4x4 urbano e estaciona nas vagas para deficientes. Vai fazer quase dois meses que esse cara vem emporcalhar a cabine oito todos os dias às dez horas em ponto, em meio a ruídos de fim de mundo, e eu ainda não ousei lhe dar a menor das advertências, embora ele merecesse, e como! Porque, veja bem, quando digo emporcalhar, não quero dizer uma simples visão teórica. Sem contar que esse grosso gasta um rolo inteiro de papel higiênico a cada vez e nem se dá o trabalho de apertar o botão da descarga. Tenho que reparar o trabalho de sua majestade por quase dez minutos para devolver um mínimo de decência ao lugar. O pior é que o desprezível sai da minha cabine oito reluzindo como ouro, o paletó impecável, o vinco da calça perfeito, tudo em seu devido lugar. Mas a gorjeta que ele deixa é, como sempre diz titia, a gota d’água que faz transbordar o bidê. Esse mão de vaca adiposo nunca me deixa mais que uma dessas

insignificantes moedinhas acobreadas de cinco centavos, que ele joga displicentemente no meu pires. Toda vez tento atrair seu olhar, para demonstrar minha fúria, mas esse imbecil nunca se dignou a virar a cabeça. Para ele, sou só um pouco mais do que o pratinho de porcelana no qual ele joga sua esmola. Esse sujeito é um safado de primeira categoria. Do tipo que sai incólume de todas as situações. Mas eu não me desespero. Como diz o ditado: um dia vou pagar na mesma moeda!”

Diante da evocação desse gordo das dez horas, Guylain não pudera deixar de pensar em Félix Kowalski. Ele não saberia fazer uma descrição melhor do chefe. Hoje a muralha que cerca a usina lhe pareceu mais alta que nunca.

Yvon saudou a entrada de Guylain com três alexandrinos circunstanciais:

— Faz com energia tua pesada tarefa
Na via onde a sina resolveu te chamar,
Depois, como eu, sofra e morra sem falar.

— “A morte do lobo”, de Alfred de Vigny — disse Guylain na direção da guarita enquanto fazia sua carcaça magra entrar pelas grandes portas do galpão.

Não se passava uma semana sem que o vigia lhe declamasse esses três versos. Ao contrário dos outros dias, Brunner não se contentou em ficar apoiado no painel de controle da Coisa enquanto Guylain se aproximava. Ele foi logo ao seu encontro e começou a andar atrás dele, perseguindo-o até o vestiário. O varapau saltitava de alegria, dando risadinhas. Ao vê-lo assim, rondando-o como um viralata no cio, Guylain logo compreendeu que o jovem tinha algo a lhe dizer.

— Qual é o problema, Lucien?

O outro, que só esperava por essa deixa, tirou do bolso uma folha com o logotipo da empresa e agitou-a diante do nariz de Guylain, com um sorriso largo:

— Está previsto para o mês de maio, Sr. Vignolles. Cinco dias em Bordeaux às custas do patrão.

Esse babaca tinha acabado de conseguir seu passaporte para a próxima sessão de certificação para controlar a Zerstor. Brunner ia enfim realizar seu sonho: pôr a Coisa para funcionar. As caretas de êxtase desse psicopata a cada vez que mandava uma nova leva de livros para o inferno se tornavam ainda mais insuportáveis para Guylain. Um carrasco devia permanecer com uma expressão impassível e não demonstrar seus sentimentos; essa havia sido sempre sua opinião. Giuseppe o ensinara a considerar a multidão apenas em seu conjunto. “Não insista muito nos detalhes, menino, será mais fácil, você vai ver”, aconselhara ele. Se por infelicidade um livro conseguisse, apesar de tudo, atrair sua atenção, então ele corria para a traseira da Zerstor e mergulhava o olhar na massa cinzenta até que a imagem captada por sua retina desaparecesse. Brunner fazia o contrário. Esse nojento experimentava um prazer doentio ao observar de perto o que destruíra. Às vezes retirava um exemplar da montanha de livros para consultá-lo com desdém antes de arrancar a capa e jogar os despojos na boca ávida. Sabia que Guylain não gostava daquilo, então muitas vezes exagerava. Sua voz crepitava nos fones em meio à chiadeira: “Ei, Sr. Vignolles, viu que são

exemplares do vencedor do Renaudot do ano passado? Eles ainda estão com a cinta de divulgação, que babacas!”

Nessas horas, ainda que o regulamento formalmente proibisse, Guylain desligava o rádio de comunicação para não ouvir as reflexões odiosas de Brunner. Nessa manhã custou para o estado de embrutecimento, no qual os repetidos golpes da Zerstor inexoravelmente o mergulhavam, se apoderar da mente de Guylain. Julie estava ali com ele, aconchegada sob seu capacete de proteção. Na hora do almoço, ele foi à guarita do vigia e comeu mesmo sem apetite um pacote de salgadinhos, junto a uma xícara de chá preto oferecida por Yvon. *Ruy Blas*, de Victor Hugo, acompanhou sua mastigação. Ato III, cena 2. De olhos fechados, a cabeça encostada no vidro, que tremia com a voz potente de Yvon, Guylain escutou o lacaio apaixonado por sua rainha encher com seus versos alexandrinos a guarita de chapa metálica. Então, a ideia de levar Yvon Grimbart ao Glicínias brotou em sua mente. Sorrindo, imaginou o vigia contando essas intrigas tortuosas e esses dramas de outra época a um canteiro de *glicinianos* petrificados. O homem merecia uma plateia de verdade, mesmo que fosse um público composto de velhos cansados. Guylain esperou que Yvon terminasse seu recital para lhe apresentar a ideia:

— Sábado passado, fui fazer uma sessão de leitura num lar de idosos em Gagny. Voltarei lá no fim de semana. São pessoas encantadoras. Elas querem que eu vá todo sábado. Então estava pensando que seria bom se o senhor quisesse me acompanhar e também ler um pouco para elas.

Guylain nunca conseguira tratar Yvon por “você”. A diferença de idade nada tinha a ver com isso. Ele chamava Giuseppe de “você” sem dificuldade, e, no entanto, Giuseppe era mais velho que o vigia. Mais que um sinal de respeito, esse “senhor” abarcava todos os personagens que Yvon encarnava ao longo do dia. O vigia recebeu com entusiasmo a ideia de exportar sua voz para além da minúscula guarita. Diante de sua animação, Guylain fez algumas ressalvas quanto à capacidade do público em conseguir acompanhar sem dificuldade a regra das três unidades do teatro clássico.

— Xô, guerras de poder, as traições sublimes,
De príncipes a se ater nas tramas de seus crimes.
A história é menor, o que conta é a rima.
E que viva o ardor de chegar lá em cima.

Enquanto Yvon já planejava um programa de leituras dramáticas indo de Pierre Corneille a Molière, passando por Jean Racine, Guylain lembrou-lhe de que tudo isso era apenas um projeto e que era preciso negociar sua participação na empreitada junto às Delacôte *sisters*. Olhou então para o relógio e foi embora com pressa. Guylain fora convocado para comparecer à uma e meia em ponto

no médico do trabalho para fazer o exame anual obrigatório. Uma assistente meio pálida o recebeu pedindo-lhe que despisse toda a roupa, menos a cueca. Ela o pesou, mediu, checkou a audição, a visão, verificou sua pressão arterial, mergulhou uma pequena lingueta de papel no tubo de urina que Guylain enchera antes. Cinco minutos depois, um médico bronzeado o chamou para uma auscultação das mais breves.

— Bom, está tudo bem, senhor... Vignolles, isso, Guylain Vignolles. Nenhum problema específico que queira informar? Vejo que o senhor parece em forma, apesar de o peso estar no limite inferior da normalidade.

Não, não está tudo tão bem assim, Guylain teve vontade de retrucar. Aguardo a volta de um pai falecido há vinte e oito anos, minha mãe acha que sou diretor de uma editora. Toda noite, conto meu dia a um peixe, meu trabalho me enoja a tal ponto que às vezes vomito e, enfim, para coroar toda essa situação, estou ficando apaixonado por uma moça que nunca vi. Resumindo, então, nenhum problema, exceto que mesmo assim estou em todos os aspectos “no limite inferior da normalidade”, se entende o que quero dizer. Em vez disso, Guylain respondeu um “tudo bem” sucinto. Após algumas recomendações sobre a necessidade de ter uma boa alimentação, o médico rabiscou seu veredicto na parte inferior da ficha. Resumiu-se a uma palavra, uma palavrinha que dava a Guylain o direito de continuar o massacre impunemente: “Apto.”

Depois do trabalho, Guylain foi à casa de Giuseppe. Era necessário mais que um peixe dourado para amenizar seus anseios. Durante quase uma hora, falou do pen drive, explicou como devorara os setenta e dois documentos que ele continha. Entusiasmado, contou de Julie, de como a mulher descrevia seu dia a dia em blocos de anotação em meio às 14.717 cerâmicas que a cercavam. Atento, o velho ouviu cada palavra do amigo com toda a atenção.

— Como vou conseguir encontrá-la? Não sei nada sobre ela — lamentou-se Guylain.

Giuseppe sorriu.

— Você sabe mais do que pensa, jovem derrotista — tranquilizou o velho. — Acha que recuperei minhas pernas em um dia? — perguntou ele, apontando para as prateleiras que cediam com o peso dos exemplares de Freyssinet. — Está com o pen drive aí? Passe os textos para mim, para eu analisar isso mais detalhadamente. Não deve haver por aí muitos banheiros públicos com zeladoras em shoppings.

Na hora da despedida, Giuseppe apertou a mão de Guylain demoradamente.

— Tenho a impressão de que você também acaba de encontrar a sua busca — disse o velho, achando graça.

Toda quinta-feira à noite, na hora em que o elegante apresentador com sua cara de primeiro da classe surgia na TV, Guylain telefonava para a mãe. Por que quinta-feira e não outro dia? Ele seria incapaz de explicar. Era assim, sem um motivo especial. Com o tempo, esse telefonema se tornara um ritual que ele não podia mais deixar de seguir. Sabia que ela estava lá, confortavelmente instalada na poltrona da sala, fitando a TV sem realmente ver, congelada nesse esgotamento perpétuo que a partida do marido num dia de agosto de 1984 lhe causara. Vinte e oito anos haviam se passado desde então, mas Guylain ainda não conseguia usar o termo “morte” quando mencionava o pai. Alguns dias após o acidente, ele, ainda criança, lhe fizera uma última visita. Guardava a lembrança de um corpo inerte em uma cama de hospital. Durante longos minutos, Guylain não pudera tirar os olhos do tubo que estava dentro da boca do pai. Fascinado, contemplara o rosto tremer a cada novo vaivém do maquinário infernal que estendia seus foles à direita do leito. Um homem de jaleco branco viera procurar seu avô e sugerira uma partida iminente com uma sequência de palavras sussurradas. E quando dois dias depois o garoto vira na televisão homens de capacete que, dentro de seus imponentes escafandros alaranjados, saudavam a multidão do alto da passarela, seu coração acelerara. As viseiras abaixadas escondiam por completo o rosto deles. Todos tinham um tubo que saía do capacete, o mesmo tubo que ele vira no hospital. Seu pai estava lá, ele tivera certeza disso, entre as silhuetas que se dirigiam com um andar desengonçado rumo à escotilha para desaparecer no interior da grande nave. Às 12h41 do dia 30 de agosto de 1984, diante dos olhos maravilhados de Guylain, o ônibus espacial *Discovery* alçara voo de sua plataforma de lançamento com um barulho ensurdecedor, levando seis homens ao espaço. E quando, uma hora depois, sua avó viera anunciar-lhe com a voz embargada de dor que seu pai partira, ele não encontrara mais nada para dizer além dessas duas palavras: “Eu sei.” Após todos esses anos, o garoto de oito anos que sobrevivia nele guardara a esperança absurda de que o pai passeava de uma estrela a outra e um dia voltaria para ele. Nada, nem mesmo as pás cheias da terra que estalara ao encontrar a madeira envernizada do caixão, havia conseguido convencê-lo do contrário.

Sua mãe nunca atendia antes do terceiro toque. Três toques, o tempo necessário para bufar e sair da ausência.

— Oi, mãe.

— Ah, é você.

Ele sorriu. Toda semana, ela lhe dava essa mesma deixa como prelúdio para o grande jogo de perguntas e respostas. Como estava o tempo em Paris? Ele foi prejudicado pela última greve de transportes? Perguntas que ele respondia de maneira evasiva, já temendo o momento em que deveria mentir para a própria mãe. Surgia então na conversa o assunto tão temido. Nunca deixava de vir:

— Continua com seus livros?

Ela não sabia de nada, a mãe dele. Nada da usina, nada dessa sua profissão suja de carrasco. Anos de mentira calando o pior, inventando a si mesmo como alguém melhor, construindo uma existência artificial, só para ela. A história de um Guylain que comia e bebia outras coisas além de cereais insípidos acompanhados de chá parecendo xixi, um Guylain que não passava os dias reduzindo toneladas de livros a mingau. Esse Guylain Vignolles não partilhava sua vida com um peixe dourado. Vice-diretor, responsável pelas publicações de uma editora, esse Guylain que ele pintava para ela toda quinta-feira à noite aproveitava a vida plenamente. A mentira não parara de crescer, telefonema após telefonema, toda vez com aquele frio na barriga causado pelo medo de que ela acabasse farejando as inverdades em meio a seus silêncios, apesar dos quatrocentos quilômetros que os separavam. Ele só voltava ao vilarejo uma ou duas vezes por ano. Curtos períodos durante os quais Guylain passava a maior parte do tempo fugindo. Fugindo das perguntas da mãe, fugindo das más recordações e de todos esses sujeitos que continuavam a chamá-lo de *Vilain Guignol*, pedindo-lhe que se lembrasse deles ao passo que o homem demorara anos para esquecê-los, fugindo de um túmulo no qual nunca acreditara.

Ainda nessa noite, enquanto colocava o fone no gancho após ter enganado a mãe outra vez, Guylain não conseguiu conter por muito mais tempo a onda vomitiva que lhe subia pela garganta.

O cinza do concreto desapareceu sob a camada de lama que inunda o chão da usina. Com as canelas presas no lodo fedorento, armados de pás, Brunner e ele jogam sem parar grandes quantidades do mingau no funil da Zerstor. A Coisa se empanturra com todo esse purê, emitindo horríveis estalos úmidos. A cada dez segundos, seu traseiro de metal põe um novo livro, que sai voando em direção ao teto do galpão, batendo todas as páginas no ar. Centenas de livros já rodopiam no armazém em um enxame ameaçador que paira acima dos homens com uma balbúrdia ensurdecadora. De vez em quando, uma obra se separa da nuvem mergulhando em direção ao chão para passar de raspão pelas cabeças, assoviando, e em seguida retomar sua trajetória. Um livro mais volumoso que os outros atingiu Brunner no meio do rosto. O varapau caiu com tudo no fosso cheio de lama. O infeliz se debate freneticamente, mas só consegue se afundar um pouco mais a cada gesto. Os vidros do escritório de Kowalski se estilhaçaram sob os ataques repetidos das esquadilhas de papel. Encurralado em sua torre, o gordo não pôde fazer nada. Apesar da confusão à sua volta, Guylain ouve o barulho terrível do impacto dos livros estalando ao se chocarem com o corpo flácido do chefe. Os gritos ecoam na usina durante quase um minuto antes de cessarem definitivamente. Guylain não enxergou nada vindo em sua direção. Um dicionário lançado a toda velocidade bateu em seu joelho direito, atingindo sua perna de apoio. Um segundo míssil veio partir o cabo da pá. Ele cai de cabeça no chão, urrando de dor. A lama entra por sua boca aberta, enchendo seus pulmões. Ele sufoca. A mão tateia à procura de alguma coisa à qual se agarrar até que os dedos encontram um cabo surgido do nada.

A luminária se espatifou ao pé da mesa de cabeceira, levando com ela o aquário de Rouget de Lisle, quebrado em mil pedaços. O peixe ficou estrebuchando com toda sua força no tapete em meio aos cacos de vidro. Seu corpinho lançava reflexos alaranjados a cada estremecimento. Guylain pegou a tigela de cereais no escorredor da pia e encheu-a de água antes de jogar nela um Rouget moribundo. Após um último espasmo, o peixinho dourado retomou seu ritmo habitual como se nada tivesse acontecido e, sob o olhar aliviado do homem, deu uma primeira volta dentro da tigela. Guylain fez uma careta. O pesadelo, ao ir embora, deixara-lhe com uma forte dor de cabeça. A Coisa, além de estragar seus dias, vinha com cada vez mais frequência vampirizar suas noites. Ao acordar, tomou dois comprimidos efervescentes de café da manhã.

Eram 10h10 da manhã de sábado. A segunda sessão de leitura no Glicínias o aguardava. Mesmo táxi, mesmo trajeto. E, na chegada, uma acolhida das mais calorosas. Ao vê-lo, uma revoada de avós em polvorosa precipitou-se na escada para borboletear em volta de Guylain, falando sem parar mesmo de dentadura. Ele quase esqueceu a dor de cabeça. Apertou mãos para cá e para lá, mãozinhas rosadas e tão frágeis quanto biscoitos amanteigados. Davam-lhe tapinhas carinhosos no rosto, sorriam, comiam-no com os olhos. Ele era o leitor, o que trazia a boa palavra. Teve o direito irrefutável de ser chamado de Sr. Vignal, Vignil, Vognal, Vagnul, de Guillaume, Gustin, e simplesmente Guy. Parecia que Monique tinha contaminado a todos ao longo da semana. Ele reservou seus beijos às duas irmãs Delacôte, que ficaram extasiadas de gratidão. Elas exalavam água-de-colônia, laquê e sabonete de Marselha. Abrigados no grande hall, os menos valentes acabavam se entregando ao próprio desânimo, indiferentes à agitação ao redor. Seres de partida, mergulhados na espera de uma partida que lhes era negada. Empurrado por Josette, puxado por Monique, Guylain passou por entre as duas fileiras de mortos-vivos para entrar no refeitório, aliviado de encontrar o local transformado quase em um teatro. A poltrona fora colocada sobre duas mesas, que faziam as vezes de palanque. No ritmo em que iam as coisas, pensou Guylain, em um mês ele teria um camarim, e em dois uma estátua ao fundo do parque. O pessoal se empurrava, resmungava, brigava para ter o privilégio dos melhores lugares. Monique interveio para fazer o papel de lanterninha e estabelecer um pouco de ordem. Como mulher competente que era, estabeleceu as prioridades em função da surdez e das deficiências diversas que afligiam a comunidade. Há ainda mais pessoas que da última vez, pensou Guylain. John e Gina talvez tivessem alguma coisa a ver com isso. Ele tomou impulso para se sentar em seu trono, impaciente para começar a leitura. Com um discreto gesto de cabeça, Monique deu a entender que a sessão podia começar. Josette confirmou com uma olhadela insistente.

— “4.doc. Nunca se espera que pessoas responsáveis por banheiros públicos, quaisquer que sejam, mantenham um diário digitando no teclado de seu laptop. Devemos servir só para limpar de manhã até a noite, polir as peças cromadas, esfregar, enxaguar, reabastecer os suportes de papel higiênico e mais nada. Espera-se que uma zeladora de banheiro limpe, não que escreva. As pessoas podem conceber que eu faça palavras cruzadas, caça-palavras, palavras trancadas em todo tipo de tabela quadriculada. Essas mesmas pessoas também podem aceitar que eu leia fotonovelas, revistas femininas e de televisão nas horas vagas, mas se sentem insultadas quando sabem que eu digito com meus dedos feridos pela água sanitária no teclado de um laptop a fim de registrar meus pensamentos. Pior, ficam desconfiadas. Há um tipo de mal-entendido, um erro na escalação do elenco. No mundo inferior, até um infeliz computador de dez polegadas ligado ao lado de um pratinho para gorjetas sempre acaba maculando

a paisagem. Ah! Tentei muito usar meu laptop, mas logo nas primeiras tentativas via no olhar das pessoas, às vezes indignadas, que isso não ficava nada bem, que havia incompreensão e constrangimento, até rejeição diante dessa situação anormal. Precisei rapidamente me render à evidência de que as pessoas em geral só esperam uma coisa: que você ofereça a imagem daquilo que elas querem que você seja. E reprovavam especialmente a imagem que eu propunha a elas. Era uma visão do mundo superior, uma visão de que não havia nada a se fazer aqui. Agora, se há uma lição que aprendi bem em quase vinte e oito anos de existência na Terra é que o hábito deve fazer o monge, e pouco importa o que a batina esconde. Desde então, eu iludo, eu engano. O computador fica fora de vista, sabiamente guardado em sua capa ao pé da minha cadeira. É mais fácil que deixem uma moeda para uma jovem tentando arduamente resolver o jogo de sete erros da última revista da moda, mordendo a ponta da caneta, do que para essa mesma mulher mergulhada na contemplação da tela luminosa de seu laptop de última geração. Colocar-se sabiamente na fôrma, vestir esse traje de zeladora de banheiro, tarefa pela qual me pagam, e desempenhar o papel ajustando-se ao texto: é mais fácil para todo mundo, a começar por mim. E, depois, isso tranquiliza as pessoas. Como minha tia sempre diz, tialogismo número onze: ‘Um cliente tranquilo será sempre mais generoso que um cliente perturbado.’ Tenho um caderno cheio desses tialogismos. Eu os coleciono desde o sexto ano do ensino fundamental e fiz um pequeno acervo deles num caderno espiral que tenho sempre à mão. Eu poderia citar todos de cor. Tialogismo número oito: ‘Um sorriso não custa nada, mas em contrapartida pode trazer muito.’ Número quatorze: ‘As idas rápidas ao banheiro normalmente não resultam em número dois.’ O tialogismo cinco, o mais curto, é o meu preferido: ‘Urinar não é brincar.’

“Com o tempo, aprendi a escrever sem parecer que estou escrevendo. Preencho meus blocos de anotação diante da frágil mesinha que me serve de escrivaninha, rabisco as páginas em meio à profusão de papel acetinado das revistas à minha frente. Avanço aos pouquinhos. Não se passa um dia sem que eu escreva. Não fazê-lo seria como não ter vivido esse dia, ter me limitado a esse papel de limpadora-de-xixi-cocô-vômito que querem que eu assuma, uma pobre moça que tem como única razão de viver essa função trivial pela qual lhe pagam.”

Guylain ergueu a cabeça. A plateia parecia encantada. O silêncio que reinava no refeitório nada tinha de pesado. Era o tempo de uma leve digestão. Ele podia ler o bem-estar nesses rostos marcados pelos anos. Guylain congratulou-se por partilhar com eles o universo polido e branco de Julie.

— Onde isso se passa? — perguntou uma voz trêmula.

Diante dessa interrogação, uma floresta de braços se erguera em direção ao teto. Antes mesmo que Monique tivesse tempo de colocar ordem no local,

respostas irromperam de toda parte:

— Numa piscina — sugeriu um dos idosos.

— Um centro de cura termal — propôs outro.

— Num banheiro público — balbuciou um careca na primeira fila.

— Isso não ajuda em nada, Maurice. A gente sabe muito bem que se passa num banheiro, mas há banheiros públicos em todo lugar. O texto não diz onde fica.

— Um teatro — entusiasmou-se André. — A velha é zeladora de um banheiro que fica em um teatro.

— Por que velha, Dedé?

— A Mauricette tem razão. Você pode nos dizer por que a zeladora seria velha, André? — esbravejou a furiosa do sábado anterior, que parecia sempre se deliciar em despejar seu fel no bom Dedé.

— Ela não é velha — interrompeu um vovô apumado. — O texto até diz que ela tem vinte e oito anos. E, além disso, ela tem um computador. Ela escreve.

— Como você quer que o mundo não fique de cabeça para baixo se qualquer um pode escrever? — resmungou um ranzinza ao fundo da sala.

— Sr. Martinet, não é só porque estudou letras modernas que o senhor tem o monopólio da literatura — repreendeu com rigor a professora aposentada.

Monique interrompeu o debate com sua autoridade natural:

— Vamos, vamos! Deixemos Guillaume continuar, por favor!

Guylain engoliu o riso que subia por sua garganta e passou para o texto seguinte.

— “52.doc. Quinta-feira é um dia especial. É o dia da minha tia. O dia das *chouquettes*. São a droga dela. Toda quinta-feira, ela precisa de sua dose. Oito *chouquettes* compradas na padaria do bairro em que mora. Apenas oito *chouquettes*. Nunca a vi chegar com uma bomba, uma *tartelette* ou um mil-folhas. Não, sempre essas bolinhas salpicadas de cristais de açúcar. Por que oito, e não sete ou nove, permanece um mistério. Até aí, você me dirá, nada de mais, eu concordo. Mas o que torna a situação realmente especial é o fato de minha tia não voltar comportadamente para casa a fim de degustar esses mimos diante da TV, ou não ir para o café mais próximo e comê-los direto do saco, bebericando um chocolate quente ou um chá de tília. Não, ela vem direto para cá, segurando o frágil tesouro delicadamente junto ao peito. ‘Sabe’, explicou um dia, ‘elas não têm o mesmo gosto em outro lugar. Já tentei várias vezes, até. Já as comi nos lugares mais bonitos, salões de chá chiquérrimos, onde as migalhas que caem no chão, só de tocar o piso, se valorizam, mas só aqui elas liberam todo o aroma e todo o sabor. Verdadeiros pedacinhos de paraíso. É como se esse lugar as melhorasse, entende? Aqui, minhas *chouquettes* ficam excepcionais, em qualquer outro lugar elas são apenas boas’. Não vou esconder que, intrigada, eu mesma quis fazer a experiência também, uma vez. Não com as *chouquettes*,

não, eu não sou de *chouquettes*, mas com um waffle. Acabo comendo um às vezes, quando fico com fome. A creperia do térreo faz uns excelentes. Peço sempre sem nada e como no balcão antes de voltar ao meu posto. Um dia, pedi o waffle quentinho e crocante para viagem e me tranquei em uma das minhas cabines do banheiro para degustá-lo. Só para testar. Pois bem, devo reconhecer que minha tia não estava completamente enganada. Havia algo diferente ali, como se meu waffle estivesse em seu estado mais puro em meio a todas as minhas cerâmicas. Eu não me lembrava de ter comido um tão bom. Minha tia não para de falar, quando vai contar de suas *chouquettes*. ‘Não têm nada a ver com esses doces arrogantes que exibem seu creme, nem com todos esses biscoitos pretensiosos cobertos de pasta de amêndoas que vergam sob o peso dos próprios artifícios’, ela dizia em tom inflamado. ‘A *chouquette* é para a confeitaria francesa o que o minimalismo é para a pintura!’, dispara ela para quem quiser ouvir. ‘Livre de qualquer efeito ilusionista, ela se apresenta a nós em toda a sua nudez, tendo como único enfeite esses poucos cristais brancos, e se oferece tal como é: um docinho sem qualquer outra pretensão além de ser comido, só isso.’ Ah, todos tinham que ouvi-la, ela se torna uma verdadeira poeta quando começa a falar.’

“‘Você guardou a quatro para mim, minha filha?’, me diz ela entre dois beijinhos.

“‘Guardei, titia, você sabe que eu sempre guardo a quatro para você.’

“‘Às quintas-feiras, eu limpo a cabine número quatro de alto a baixo, antes de trancá-la até a chegada de minha tia. É o privilégio dela. Ela tem sua cabine aqui do mesmo modo que outros têm sua mesa em restaurantes como o Fouquet’s ou sua suite no Hilton. Depois de me confiar seu casaco, a bolsa e o chapéu, ela corre até lá, o saco de *chouquettes* na mão, a almofada sob o braço, o olhar já brilhando de gula. Durante quase vinte minutos, confortavelmente sentada na almofada macia colocada sobre o tampo fechado da privada, ela come uma a uma suas protegidas, esmagando com a língua a massa contra o palato para liberar no coração de suas papilas as exalações de baunilha que as *chouquettes* aprisionam em seu interior. ‘Se você soubesse, minha Julie!’, exclama ela quando sai de lá. ‘Nossa, como é bom!’ Uma verdadeira *viciada* que acaba de tomar oito doses de uma vez só.’”

O relógio acima da entrada do refeitório já marcava 11h25. O táxi não ia demorar. O público não parecia com pressa de voltar para sua rotina. As conversas estavam animadas. As senhoras se lembravam de suas receitas de *pâte à choux*, base das *chouquettes*, cada uma delas revelando seus pequenos segredos. O número de ovos, a quantidade de manteiga, o tamanho adequado do bico do saco de confeito que deve ser utilizado. Uma parte do grupo dissertava sobre a pertinência de degustar *chouquettes* com a bunda grudada no tampo de

uma privada. Embora alguns achassem a ideia verdadeiramente bizarra, outros em compensação não descartavam a ideia de levar a sobremesa do almoço para o quarto, a fim de oferecer a si mesmos uma sessão de degustação no vaso de seus banheiros. Guylain levantou-se com pesar da poltrona macia. Sentia-se cada vez melhor entre seus *glicinianos*. Monique e Josette lhe deram o braço para ajudá-lo a voltar à terra firme. Ele aproveitou o momento para falar a elas de Yvon. As duas irmãs se mostraram encantadas com a ideia de receber um outro leitor e aceitaram com a condição de aumentar a sessão em meia hora. Guylain não via nenhum inconveniente nisso. Beijou-as, inspirando uma última lufada de água-de-colônia antes de alcançar o táxi que acabava de aparecer na entrada do caminho de cascalho.

Rouget de Lisle, o quinto com esse nome, morrera em sua ausência. O corpinho jazia ao lado da tigela quando Guylain voltou do Glicínias. O aquário substituto devia ter lhe parecido um pouco exíguo demais para conseguir desentorpecer dignamente as nadadeiras, e o bicho preferira dar o grande salto em direção ao desconhecido, a fim de ver se o mundo não era melhor fora dali. Seu último sonho de liberdade será desfeito no aço inoxidável frio de minha pia, pensou Guylain com tristeza. Ele pegou delicadamente o minúsculo peixe pelo rabo, entre o polegar e o indicador, antes de enfiá-lo em um saco plástico. No início da tarde, saiu e seguiu em direção a Pavillons-sous-Bois. O homem conhecia o trajeto de cor, por já tê-lo realizado quatro vezes no passado. Após vinte minutos de caminhada, parou no meio da ponte sobre o canal de l'Ourcq, pegou o corpo já enrijecido de Rouget de Lisle e jogou-o nas águas serenas.

— Que suas espinhas descansem em paz, meu irmão.

Ele nunca tivera coragem de se livrar de seus peixes jogando-os na lixeira, como se fossem um detrito qualquer. A seus olhos, eram mais que simples peixes ornamentais. Cada um deles levava ao íntimo de suas gueltras as confidências mais íntimas. Na falta de um grande rio, o canal de l'Ourcq era a sepultura mais nobre que ele pudera encontrar para acolher os corpos de seus bichinhos. Após um último olhar na mancha alaranjada que afundava nas profundezas escuras, Guylain deu meia-volta num passo rápido. Quinze minutos mais tarde, a sineta pendurada em cima da porta da loja de animais tilintou alegremente enquanto ele entrava. Sua chegada foi saudada pela algazarra dos periquitos, pelos latidos dos cãesinhos, os miados dos gatinhos, os guinchos dos coelhos, o piado dos pintos. Só os peixes mantiveram silêncio e se contentaram com uma breve liberação de bolhas.

— O que o senhor deseja?

A vendedora era a imagem de sua voz rude. Fria e branca.

— Eu necessito de um peixe dourado — resmungou Guylain.

Necessidade. De fato era disso que se tratava. Ele sofria de uma verdadeira dependência em relação ao peixe dourado. O homem não conseguia mais ficar sem essa presença muda e colorida que enfeitava sua mesa de cabeceira. Por já ter passado por isso, ele sabia que existia uma enorme diferença entre viver sozinho e viver sozinho com um peixe dourado.

— De que tipo? — perguntou a moça anêmica, abrindo um enorme catálogo de aquariofilia. — Temos do tipo cabeça-de-leão, o cometa com aquela cauda

longa bifurcada, o oranda com uma corcova em cima da cabeça, o pom pom, o ryukin, o shubunkin, o ranchu ou ainda o black moor, muito original com aquela cor escura. O que tem tido mais saída ultimamente é o celestial de cauda dupla e com aqueles dois telescópios no alto da cabeça. Última tendência.

Guylain teve vontade de perguntar se não tinham o modelo-padrão, de cor normal, uma cauda só — para o que o animal fazia, nadar em círculos, era mais que o suficiente —, e dois olhinhos plantados um de cada lado da cabeça, no lugar onde deviam estar. Em vez disso, tirou do bolso a foto danificada de Rouget Primeiro, o pai da dinastia, aquele que começara tudo, e balançou-a diante do rosto da comerciante:

— Eu gostaria apenas de um igual a esse — disse, batendo com o dedo na imagem esmaecida.

Ela examinou a foto com um olhar prudente antes de puxá-lo para o grande aquário que ornava o fundo da loja e onde ziguezagueavam uns cinquenta Rouget de Lisle em potencial.

— Vou deixá-lo escolher. Quando quiser, basta o senhor me chamar, estarei ali ao lado — sussurrou ela, estendendo-lhe um puçá.

Ele não era mais um cliente tão interessante, em busca de seu peixe dourado do tipo mais comum. Com a foto em mãos, Guylain examinou atentamente o cardume alaranjado que se agitava à sua frente, à procura do clone perfeito. Logo avistou um. De cor ligeiramente mais clara nos flancos, mesmas nadadeiras, mesmo olhar afável. Após três tentativa infrutíferas, o quarto movimento com o puçá deu certo. Guylain pediu à vendedora um aquário novo.

— Esférico ou retangular? — perguntou ela.

Dilema cruel o de ter que escolher entre um caminho circular mortalmente monótono e o passeio entrecortado de um percurso cheio de quinas. Ele optou enfim pelo globo de vidro habitual. Mesmo para o mais comum dos peixes, não devia existir maior suplício do que tropeçar nos ângulos retos ao longo de dias e noites. De volta ao conjugado, Guylain apressou-se em forrar de areia branca o fundo do vidro, para então colocar a miniânfora e plantar as algas sintéticas do locatário anterior. Em pouco tempo, um novo Rouget de Lisle nadava alegremente em meio a esse ambiente mágico. Emanava desse peixe minúsculo, parecido em todos os aspectos com seus irmãos, um sentimento de imortalidade que agradava Guylain. Isso durou apenas um breve instante, mas ele julgou descobrir no olhar de Rouget Sexto toda a gratidão dos cinco que o haviam precedido.

Nesta manhã, o velho-de-pantufa-e-pijama-por-baixo-do-casaco-impermeável vagava como uma alma penada na altura do cento e cinquenta e quatro, sem o seu Balthus. As patas traseiras do animal ficaram paralisadas na noite anterior. No momento, o bichinho se encontrava sob cuidados na clínica veterinária.

— Até que ele volte a andar — explicou o velho. — Porque meu Balthus vai voltar a andar, certo? Vão dar um jeito nele, não é? — suplicou, agarrando o braço de Guylain, as lágrimas vindo à tona.

Guylain prometeu que sim, claro, não havia motivo para ele não recuperar o movimento das patas traseiras, mesmo que no íntimo estivesse convencido de que o cachorro certamente chegara ao fim da linha e não ia demorar a se unir a Rouget Quinto no grande paraíso dos animais. Era sabido que os cães velhos começavam quase sempre a morrer pela traseira. Guylain deixou o velho cumprimentando-o com ares de condolências e chegou à estação. Foi com um prazer nada dissimulado que voltou ao seu banco retrátil. Julie provocava ardor em seus dedos.

— “17.doc. Sábado é sempre o dia mais intenso da semana junto com a quarta-feira, mas quando coincide com o último dia das liquidações, esse mesmo sábado passa a ter ares de um dia trágico, o tipo de dia em que até os cem mil metros quadrados do shopping parecem penar para conter esse mundaréu de gente. O lugar ficou lotado durante todo o tempo em que as portas das lojas estiveram abertas. Ao longo do dia, vários visitantes entraram correndo na minha toca para depositar seu fluxo de urina, de excrementos, de sangue e até de vômito. Às vezes, tenho a impressão de ver neles apenas esfíncteres, estômagos, intestinos ou bexigas sobre patas, e não seres humanos completos. Não gosto desses dias de movimento intenso especialmente porque fazem o shopping parecer um verdadeiro formigueiro. Fico angustiada com todo esse frenesi, mesmo que isso quase sempre seja o prenúncio de um lucro excepcional. É preciso correr de um lado para outro sem parar, se você não quiser se atolar com o trabalho. Reabastecer o papel higiênico das cabines, não deixar de limpar os tampos quando for necessário, jogar água sanitária a intervalos regulares nos mictórios, sem se esquecer de se postar ao lado do pires de gorjeta sempre que possível. Obrigada, até logo. Obrigada, bom dia. Olá, obrigada, até logo. É que muitos não dão nada se não houver alguma testemunha para constatar sua generosidade. Tialogismo número quatro: ‘Mendigo ausente, caixinha vazia’ Acredito que a humanidade inteira passou por aqui hoje. Foi o que eu disse a

mim mesma enquanto fechava as grades, exausta, prostrada, as narinas saturadas de amônia e de água sanitária.

“Prefiro as manhãs calmas no meio da semana do que esses dias intensos de loucura, pois os clientes aparecem com parcimônia. Nesses momentos, às vezes largo por um instante meus escritos ou minhas revistas para escutá-los. Prendendo a respiração, os olhos fechados, abstraio o burburinho incessante que o shopping emite para concentrar toda a minha atenção nos barulhos que vêm das cabines. Minha audição se apurou com o tempo, e agora posso analisar sem hesitar cada um dos ruídos que chegam através das portas fechadas, por mais abafados que sejam. Minha tia, com essa onisciência sanitária que a caracteriza, classificou esses barulhos em três grandes categorias. Há inicialmente os que ela designa sob a bela denominação de ‘barulhos nobres’. O tilintar discreto de um cinto sendo desfivelado, o canto leve de um fecho ecler sendo puxado, o estalo seco de um botão de pressão sendo aberto, sem esquecer todo o burburinho de panos, sedas, náilon, algodões e outros tecidos que soam ao encontrar a pele em tantos atritos, pregas, fru-frus e outros farfalhares. Depois vem o que ela chama de ‘barulhos de biombo’. Tosses constrangidas, assovios falsamente animados, acionamento da descarga, todos esses ruídos que supostamente abafam a terceira categoria sonora, a dos ‘barulhos de atividade’: flatulências, gorgolejos, agitação da água, o ressoar da louça, ruídos de mergulhos de grandes alturas, desenrolamento do rolo de papel higiênico, rasgadura da folha. Por fim, eu acrescentaria uma última categoria, mais rara, porém mais — e como! — interessante, a dos ‘barulhos de alívio’, todos esses gemidos e suspiros de satisfação que às vezes sobem para o teto quando as comportas se abrem e o jato libertador por muito tempo contido ou a avalanche ruidosa de descarregamento intestinal cascateiam na louça. Às vezes eu amo as pessoas, quando elas vêm parar aqui, completamente vulneráveis em seu desejo de aliviar a bexiga ou esvaziar a barriga. E durante esse curto tempo em que se revezam diante dos meus olhos atrás da porta das cabines, seja qual for a sua condição ou seu status social, sei que voltam a tempos imemoriais, àquela situação do mamífero satisfazendo uma necessidade natural, o traseiro grudado no vaso sanitário, as pernas da calça emboladas em volta das panturrilhas, a testa pingando de suor enquanto penam para abrir o esfínter, sozinhas diante de si mesmas, longe do mundo superior. Veja bem, as pessoas aqui não se limitam a deixar o conteúdo de seus intestinos ou suas bexigas. Não é raro ver algumas delas virem se abrir comigo para descarregar os próprios males. Eu ouço as pessoas. Deixo-as esvaziar seu fel sobre o mundo, escorrer sua vidinha, me enrolar com seus problemas de todos os tipos. Elas se abrem, se queixam, choram, invejam, inventam. Tialogismo número doze: ‘Os sanitários são confessorários sem padre.’ Felizmente, há outros que vêm falar de qualquer assunto pelo simples prazer de trocar uma palavrinha gentil e para os quais sou algo além de duas

orelhas onde despejar seu mal-estar. Como em certos grandes restaurantes, coloquei um livro de visitas na saída, no qual as pessoas têm a oportunidade de me deixar, além de uma simples moeda, a marca de sua passagem em poucas palavras. E toda noite na hora de fechar, recolho minha pequena armadilha e me detenho para ler essas palavras de amor, essas palavras de ódio, essas palavras que oscilam do melhor ao pior e que vão sempre me ensinar mais sobre a natureza humana do que qualquer enciclopédia.

“Parabéns pela limpeza. Isabelle.”

“Melhor do que um simples banheiro público, um porto seguro limpo e muito bem mantido. Continue assim. René.”

“Era só você ter estudado, babaca! X.”

“Se não fosse o papel daqui, que é um pouco áspero para o meu gosto, o banheiro seria perfeito. Marcelle.”

“De passagem por aqui, voltaremos só pela limpeza impecável do lugar. Xavier, Martine e seus filhos, Thomas e Quentin.”

“kOme meu Ku, vadia.”

“Os reis e os filósofos defecam, e as senhoras também. Montaigne.”

“Seria interessante colocar à disposição dos clientes revistas na entrada das cabines. Além disso, é um tanto desagradável que o sabonete nos seja imposto. Seria interessante, acho, poder escolher o perfume. Quanto à limpeza, é correta. (Não fossem algumas marcas nos rejuntas. Tente vinagre branco.) Madeleine de Borneuil.”

“Toquei uma punheta no seu cagatório de merda pensando em você, piranha.”

Irromperam muitas risadas no vagão, às quais se misturaram algumas exclamações indignadas. Guylain levantou a cabeça. A maioria dos passageiros presentes o encorajou a prosseguir, através de olhares. Ele esboçou um sorriso antes de lhes dar um novo texto de Julie:

— “23.doc. Não sei dizer ao certo, mas me parece que ela cresceu ainda mais. Ah, não muito, só alguns centímetros, mas, nesse ritmo, pode acabar chegando aos grandes espelhos do feminino antes do fim da década. Minha tia me contou que a rachadura apareceu há quase trinta anos, quando demoliram a grande escadaria central para colocar as novas escadas rolantes. Ela teria nascido por causa das primeiras investidas das picaretas, aparecendo na quina do canto norte, embaixo das pias, antes de começar a se espalhar. Ela não era muito grossa na época. Só um pouco mais espessa que um fio de cabelo, não muito mais comprida que uma haste de capim, mas engordou à medida que caminhava pela imensidão branca, deixando um pequeno risco fino e escuro em cada uma das cerâmicas que encontrava ao passar. Nunca interrompeu seu percurso desde então e segue seu caminho aconteça o que acontecer, sem jamais desviar um dedo de sua trajetória, sejam quais forem os obstáculos encontrados. Nasceu sob

o governo de Mitterrand, festejou o primeiro metro antes de os russos deixarem o Afeganistão, atingiu o segundo enquanto João Paulo II era sepultado. Atualmente se estende por quase três longos metros. É como uma ruga no rosto, o sinal da passagem do tempo. Gosto muito dessa rachadura que segue seu caminho haja o que houver e traça o próprio destino sem dar a mínima para os acontecimentos do mundo.”

Quando o trem parou na estação e as pessoas deixaram o vagão, um observador de fora teria conseguido sem esforço diferenciar os ouvintes de Guylain dos demais passageiros. O semblante deles não exibia essa máscara de impassibilidade que execrava os outros. Todos apresentavam um arzinho feliz de infante satisfeito.

Eram sete horas da noite quando Guylain tocou a campainha na casa de Giuseppe. Coisa raríssima, o velho havia entrado em contato com ele no trabalho no meio da tarde. Ligara para Kowalski e pedira para falar com Guylain. A voz de um Félix mais contrariado que nunca irrompeu do rádio de comunicação. Ele não gostava que incomodassem seu pessoal no meio do serviço.

— Vignolles, telefone.

Perguntando a si mesmo quem poderia pedir para falar com ele ali, Guylain pegou o fone que o gordo havia lhe estendido.

— Você pode passar aqui depois do trabalho?

— Posso, por quê?

Como resposta, Giuseppe disparara apenas um “Você vai ver” conciso no alto-falante, antes de desligar. Ainda naquela noite, Giuseppe se esforçou para manter o suspense enquanto durasse o aperitivo. No entanto, era óbvio aos olhos de Guylain que o velho estava impaciente. Ele movia nervosamente a cadeira de rodas para a frente e para trás, pegava de modo desajeitado punhadinhos de pistaches e amendoins, se remexia sem parar. Quando não aguentou mais, Guylain acabou lançando a pergunta que fazia sua língua coçar desde que chegara:

— Você não me fez vir aqui só para beber uma taça de moscatel, não é, Giuseppe?

— Você sabe que não fiquei à toa durante a sua ausência, menino.

Seu olhar brilhava de malícia. Ele deu meia-volta e convidou Guylain a seguir a cadeira até o quarto que também servia de escritório. No aposento reinava uma alegre bagunça. A frágil escrivaninha desaparecia sob as várias pilhas de documentos. O computador e a impressora haviam sido colocados direto no chão para liberar espaço. Nem a própria cama de hospital havia sido poupada pelo tsunami: também se encontrava coberta de páginas soltas. Preso na altura da cadeira, um grande mapa de Paris e da Île-de-France ocupava parte da parede. Viam-se ali inscrições manuscritas. Vários círculos haviam sido traçados grosseiramente com a ajuda de uma canetinha vermelha. Muitos deles estavam riscados. Certos nomes de cidades, sublinhados, outros com um traço em cima. Post-its cobertos com os garranchos indecifráveis de Giuseppe floresciam por toda parte nos quatro cantos da capital e da periferia. O mapa era todo rasuras, retoques e colagens. O quarto tinha o aspecto de um quartel-general em tempos de guerra.

— Mas o que é essa zona toda, Giuseppe?

— Ah, isso! Não se pode dizer que se criou sozinha. Dois dias inteiros para fazer o inventário e outros tantos para realizar a triagem e refinar os dados. Não foi fácil, mas estou muito contente comigo mesmo. Terminei hoje de manhã.

— Mas terminou o quê, Giuseppe?

— Ora, a sua Julie. Você quer ou não encontrá-la? Sabe, eu li tudo três vezes para ter certeza de não ter perdido nenhuma pista. Mas são escassos, os indícios. Bastante avarenta em detalhes, a moça. Nos setenta e dois textos, nenhuma vez ela cita seu sobrenome, nem mesmo a cidade onde trabalha. Uma verdadeira proeza como autora. Mas, bom, é preciso um pouco mais do que isso para desencorajar Giuseppe — comentou. — Eu parti disso — prosseguiu ele, colocando uma folha solta nas mãos de Guylain. — Sabemos que ela se chama Julie, que é zeladora de banheiro, que tem vinte e oito anos e que uma vez por ano, no equinócio de primavera, a moça reconta as cerâmicas, que são ao todo 14.717. No entanto, me ative sobretudo aos indícios quatro, nove e onze, os mais importantes: seu banheiro fica em um shopping. Esse lugar tem uma área de cem mil metros quadrados e pelo menos trinta anos, de acordo com a rachadura.

Guylain contemplou incrédulo a lista curta que tinha diante de seus olhos. Os indícios quatro, nove e onze haviam sido sublinhados de verde. Giuseppe expôs-lhe então a metodologia empregada para chegar à vasta salada colorida pregada com alfinetes na parede. Com a ajuda da internet, ele fizera o inventário completo de todos os grandes shoppings de Paris e também da Île-de-France, um total de dezoito, a maioria situada na região que compreendia Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne. Depois analisou esses shoppings um a um com base na data de sua construção para eliminar os mais recentes. Foram assim eliminados da lista o Le Millénaire, em Aubervilliers, o Val d'Europe, em Marne-la-Vallée, e o Carré Sénart, em Lieusaint, todos vítimas de sua juventude. Uma segunda triagem tendo como critério a área do local reduziu a lista a oito finalistas. E Giuseppe começou a citar com orgulho o nome dos felizardos eleitos, apontando as localizações no mapa com a ajuda de uma régua enquanto enunciava o *pedigree* de cada um:

— O'Parinor, em Aulnay-sous-Bois, 1974, 90.000 m². Eu sei, não são 100.000, mas bom, manteve esse mesmo assim. Rosny 2, 1973, 106.000 m². Créteil Soleil, 1974, 124.000 m². Belle Épine, em Thiais, 1971, 140.000 m², um pouco grande mas serve. Évery 2, 1975, exatos 100.000 m². Vélizy 2, construído em 1972, 98.000 m². Parly 2, em Chénay, 1969, 90.000 m². Como o de Aulnay-sous-Bois, um pouco abaixo, mas serve. E o último, Les Quatre Temps em La Défense, 1981, 110.000 m². Todos são bem providos de banheiros públicos, mas não consegui verificar se existe ou não uma pessoa responsável por eles. Essas informações não aparecem em lugar algum, é provável que seja um tipo de tabu.

Guylain estava impressionado com a eficiência do velho amigo. Examinou os pequenos círculos vermelhos que, se interligados, desenhavam uma magnífica elipse indo de Aulnay-sous-Bois, a nordeste, até Nanterre, a oeste, contornando a capital pelo lado sul. Só Évry permanecia fora dessa curva imaginária, pois se achava isolada na parte de baixo do mapa. Quando Guylain expôs o fato de que Julie poderia muito bem trabalhar num shopping situado em outra região do país, Giuseppe se exaltou:

— Não foi no TGV Paris-Bordeaux nem no Paris-Lyon que você encontrou esse seu pen drive, foi no RER, no trem da Rede Expressa Regional, então acho que há grandes chances de que a sua Julie não limpe privadas em um lugar que não seja aqui! E, se eu fosse você, começaria minhas buscas pelo O'Parinor e pelo Rosny 2, que são os mais próximos.

Eles passaram o restante da tarde diante da comida italiana preparada por Giuseppe. Ao ir embora da casa do amigo, Guylain prometeu mantê-lo informado do andamento de suas buscas. Voltou para seu conjugado com a preciosa lista cuidadosamente guardada no bolso do casaco. E enquanto Rouget Sexto engolia um a um os pedacinhos de ração que flutuavam na superfície do aquário, Guylain enumerou os nomes de oito shoppings, oito estações de uma *via crucis*, que abrigavam todas as suas esperanças.

Guylain passou o início da semana percorrendo vários dos shoppings. Quando acabava o expediente, ele saía de perto da Zerstor, despia o macacão e ia embora da usina sem nem sequer tomar uma chuvaçada, a fim de pegar o ônibus ou o primeiro trem que viesse, de acordo com o alvo do dia: segunda-feira, O'Parinor, em Aulnay-sous-Bois; terça-feira, Rosny 2; quarta-feira, Créteil Soleil; e na noite anterior, La Défense. Tantas miragens que se desvaneceram uma a uma. Curioso e impaciente, toda noite Giuseppe pedia informações sobre o resultado das buscas.

— E aí?

— E aí nada.

E toda vez ele explicava com um tom cansado que sim, havia banheiros. Sim, havia um funcionário nos sanitários. No entanto, ninguém que se parecesse nem de perto com uma mulher de vinte e oito anos. Em Aulnay-sous-Bois, encontrou uma velha ranzinza, em Rosny, um magricela de bigode, em La Défense, uma mulher brincalhona da Costa do Marfim com sua túnica colorida, e, por último, ainda tivera direito a uma garota de cabeça raspada e cheia de piercings. Giuseppe parecia ainda mais abatido que ele.

— Não é possível — resmungava o velho para si mesmo —, ela tem que estar em um desses lugares, ela só pode estar em um desses lugares.

Guylain lhe respondia que amanhã ia ser outro dia, antes de desligar e se jogar na cama.

Naquela manhã, o velho-de-pantufa-e-pijama-por-baixo-do-casaco-impermeável recebeu Guylain calorosamente. Balthus estava de volta. Um Balthus que se esforçava tentando molhar o pé de seu plátano preferido.

— Você tinha razão — disse o velho, eufórico, dando tapinhas no ombro de Guylain quando chegou perto dele. — Eles deram um jeito no meu Balthus. Veja como ele está ótimo.

Guylain assentiu, observando com atenção o cachorro meio caído, cujas patas traseiras continuavam se arrastando um pouco em relação às dianteiras. A morte era assim, pensou ele. Às vezes podia se contentar com uma bandarilha antes de se voltar a outras ocupações. Ele não duvidava de que essa safada logo voltaria para terminar o que começara. Enquanto isso, Guylain considerou o acontecimento como um bom prenúncio. Ainda naquele dia, no vago, a leitura dos trechos de Julie reavivou sua esperança.

— “45.doc. Eu não deveria me orgulhar, mas é isso, eu peguei o gordo das dez horas. E quando digo peguei, é porque peguei de jeito. Para isso, só precisei envolver minha amiga Josy, que logo aceitou ser cúmplice. Ah! Eu não pedia muita coisa a Josy, só para me conceder uns quinze minutinhos de seu tempo. Acho que, para derrubar esse grosseirão do pedestal, teria chegado até mesmo a me dar um de seus dias de folga inteiro. Ela é minha lavadora de cabelos preferida. Foi o tialogismo número três que me deu a ideia: ‘Nos sanitários, o poder sempre pertence a quem detém o papel.’ Tecnicamente, a cilada foi bastante fácil de armar. Bastou eu abrir o suporte de papel, tirar o rolo, colar com fita adesiva uma única folha e fechar a caixinha tomando cuidado para deixar uma ponta do papel higiênico para fora, prova tranquilizadora de sua presença. Brincadeira de estudante clássica. No aspecto prático, e é aí que Josy entra em jogo, eu precisava ter certeza de que a vítima da armadilha seria mesmo o gordo das dez horas e não um inocente de passagem. Para isso, bastou Josy se instalar na cabine preferida desse senhor e aguardar, com o celular na mão, que eu lhe enviasse um SMS para informar a chegada desse homem detestável. Às dez horas em ponto, seu passo pesado ecoou na escada. Terno bege-claro, gravata verde sobre uma camisa marrom. Mandeí a mensagem para Josiane, que saiu com a cabeça baixa depois de ter tido o cuidado de dar descarga, para aumentar o realismo. Acho que o Sr. Barrigudo nem se deu conta de que era uma mulher que saía do banheiro masculino, pois estava muito ocupado se preparando para soltar seu infame barro matinal. Josy ficou ao meu lado para acompanhar o restante dos passos. Vou poupar a todos dos detalhes, mas, pelos barulhos que vieram da cabine oito, pode-se dizer que o homem se aliviou como nunca. O silêncio que se seguiu foi ainda mais prazeroso. Acho até que ouvi o barulhinho seco da folha de papel higiênico quando ela se soltou da fita adesiva que a mantinha presa. Menos de dois minutos depois, o gordo das dez horas saía da cabine, o rosto vermelho, a camisa meio enfiada dentro da calça, o paletó mais sem viço que uma alface de quinze dias. Ele cruzou meu domínio com o andar lento de um pinguim atravessando um campo de gelo. E, pela primeira vez, pude fisgar seu olhar. Era o olhar de alguém em estado de choque, alguém que acabara de ver o amor-próprio maculado pela própria merda. Enquanto isso, soltei de má vontade um ‘Para a limpeza, obrigada’, apontando o pires com a cabeça. O gordo das dez horas não pôs nada. Aliás, não estava mais em condições de pôr o que quer que fosse onde quer que fosse. Mas o espetáculo que ele apresentou a Josy e a mim, ao subir minha escada com seu passo desajeitado de cagado, permanecerá como uma das mais belas gorjetas que já recebi.”

A princípio surpreso, Guylain recebeu com um sorriso os aplausos que irromperam no vagão. A vingança da mulher havia encantado a plateia. Ele precisou se esforçar para apagar da mente a imagem de um Kowalski vermelho de vergonha, antes de se concentrar no trecho seguinte.

— “70.doc. *Speed dating*. A expressão tem um aspecto inofensivo, mas me dá medo. Josy sabe disso, ela precisou insistir durante várias manhãs na hora do nosso café com croissant para eu finalmente aceitar me inscrever com ela nesse ‘encontro com o amor’, como ela o chama. Apenas para solteiros exigentes, e ao custo de vinte euros com uma bebida incluída, dizia o folheto. Não sei o que me levou a aceitar. Talvez o entusiasmo inabalável de Josy. Ou seria então esse meu lado garotinha que ainda espera o príncipe encantado e faz com que de vez em quando eu jogue uma moeda na fonte? ‘O que pode acontecer de ruim?’, perguntou ela. ‘Topar com um babaca que só vai lá por uma boa transa, como se estivesse indo à feira? Se isso acontecer, você é inteligente o bastante para perceber e mandá-lo voltar a tocar suas punhetas de caubói solitário.’ Quando Josy fala, há sempre o mérito de ser clara. O que me incomoda nessa expressão *Speed dating* é principalmente a palavra *speed*. Soa a uma trepadinha rápida. Não me agrada muito, essa ideia de ser uma coelha que tiram da gaiola só para dá-la ao macho. Claro que, com nosso nível, fomos logo reservadas, Josy e eu. Solteiras, jovens, não muito feias se a gente se basear nos critérios de beleza atuais que privilegiavam a generosidade das formas em detrimento das silhuetas descarnadas que foram elogiadas durante anos a golpes de modelos anoréxicas. Bom, em relação ao trabalho, tive que trapacear um pouco, claro. Eu não ia colocar como profissão: zeladora de banheiro. Fiquei com medo que atraísse todos os tarados do planeta e repelisse os outros homens. Auxiliar de laboratório. Foi Josy, de novo, quem teve a ideia. ‘Uma auxiliar de laboratório também limpa ladrilho de manhã até a noite’, garantiu ela. ‘Só que você limpa o dos sanitários e ela, o das bancadas, mas, no fim das contas, isso não faz muita diferença.’ Sete encontros de sete minutos cada, é ao que se tem direito no *Speed dating*. Há regras. Não se pode trocar informações pessoais, número de telefone, por exemplo (não havia o risco de isso acontecer comigo). Após cada encontro de sete minutos, devemos escrever uma observação confidencial sobre a pessoa que está à nossa frente e dizer se queremos revê-la ou não.

“Josy me buscou direto na saída do shopping. A cerimônia, não sei que outro nome dar a isso, estava prevista para as oito e meia, o que não me dava tempo de voltar para casa, então me troquei lá mesmo. Tive que fazer várias tentativas para me maquiarm. Uma vez, sombra demais e pouco batom. Depois, carreguei demais no brilho labial e não o bastante no rímel. A cada tentativa, eu me via diante de uma mocreia pintada como uma puta, e ela me contemplava, desapontada, do outro lado do espelho. O resultado foi que acabei tascando demaquilante para tirar tudo e me contentei com uma borrifada de perfume Lolita Lempicka no pescoço. Em relação à roupa, eu havia decidido que minha calça Lee Cooper, o par de sapatos de salto baixo e a camisa branca que eu garimpara na última liquidação seriam mais que suficientes. Para o toque final, um lenço de seda negligentemente colocado no pescoço devia dar à personagem

um ar descontraído que eu absolutamente não tinha, longe disso. A última vez que eu senti tanto medo tinha sido na prova oral do vestibular. Josy, por sua vez, tinha vindo com tudo. Vestido justo, apliques no cabelo, salto alto e perfume Chanel Nº5. Uma cinderela sexy e moderna. Na entrada verificaram nossos documentos de identidade e entregaram o cupom que dava direito à bebida. Josy e eu nos desejamos boa sorte. ‘Vai dar certo’, disse ela, cruzando os dedos. Pessoalmente, eu só queria uma única coisa: sair logo dali, voltar para casa e ir para a cama com um bom livro. Em vez disso, fiz como as outras garotas, sentei-me à primeira mesa livre que achei e pedi uma Perrier sabor menta. O primeiro sujeito que veio se sentar à minha frente disse que era professor de já não lembro mais o quê. Ele só falou de si mesmo e não me fez nenhuma pergunta. Quando a campainha tocou, sete minutos depois, eu não havia podido fazer nem o menor início de apresentação. As duas únicas palavras que eu conseguira dizer tinham sido ‘olá’ e ‘tchau’. Tive o centro do universo na minha frente durante sete minutos. Um segundo rapaz pegou o assento ainda quente. Depois, um terceiro. E, a cada sete minutos, ocorria esse tilintar de campainha que ecoava do bar, como se caísse a lâmina de uma guilhotina. Ao próximo. Isso me fez pensar numa mulher educada e ingênua sendo comida por uma roda inteira de homens. Boa noite senhora, até logo senhora, obrigado senhora. Uma espécie de dança da vassoura em que se deve mudar de par cada vez que o idiota que segura o cabo o deixa tocar o chão. Apesar dos sete homens que conheci, posso dizer que permaneci com fome, mesmo que não tenha vindo aqui especialmente faminta. Nenhum me pareceu atraente a ponto de poder pretender me levar na garupa de seu corcel branco. Quando a aparência prestava, era a cabeça que não servia, e vice-versa. Havia pessoas bem interessantes, como esse jovem culto e cativante, muito viajado, mas cuja verruga peluda e nada atraente que ornava seu queixo nos fazia esquecer todo o resto. Ao longo dos sete minutos do encontro, só consegui olhar para isso, essa pequena proeminência de pele de onde despontavam medonhos pelos pretos e grossos. Na ficha, limitei-me a escrever ‘verruga a mais’, antes de passar ao seguinte. Houve outro cara, o terceiro, acho, que era bem bonitinho, muito alto, mas cuja língua presa dava à sua fala um jeito pateticamente engraçado, uma conversa em que cada *s* se transformava em um verdadeiro suplício para o infeliz. O auge do diálogo foi quando ele mencionou a profissão. Aí não pude impedir o ataque de riso que eu tinha conseguido conter até então, o que colocou um ponto final prematuro à nossa conversa. Mergulhada na minha Perrier sabor menta, aproveitei os dois minutos de descanso até que a campainha tocasse outra vez para me recompor. Mas, porra, quando a pessoa tem língua presa, não dá para ser ‘afifente fofial’! Meu quinto se chamava Adrien e era tão tímido que no fundo achei que era autista. Ao contrário do primeiro, que não tinha me deixado falar nada, esse ficou mudo como uma pedra durante os quatrocentos e vinte segundos do encontro. Quatrocentos e vinte

segundos durante os quais ele se contorceu na cadeira apertando as mãos com força, como se para impedi-las de voar. Quando eu lhe fazia uma pergunta, ele ficava tão vermelho quanto uma pessoa constipada fazendo força. Os constipados sempre me deixaram um pouco incomodada. E, no meu trabalho, é o que não falta. Como titia sempre diz: 'Pode-se esperar tudo de um constipado, até nada.' E em geral acrescenta: 'Ele é para o banheiro o que o mudo é para a canção, e vice-versa.' O quarto e o sexto sujeitos eram a mesma coisa: arrumadinhos demais, com cara de primeiro da classe e jeito de executivo muito ocupado, daqueles que se barbeiam e trocam de camisa duas vezes por dia. O último tinha uma pica no lugar do cérebro. Sua única grande preocupação parecia ser saber se eu era vaginal ou clitoriana. Eu disse a ele que, no aspecto astrológico, eu era de peixes com ascendente em aquário, mas que no aspecto sexual eu ainda não estava realmente decidida. E me pus a fazer essa cabeça de glândula entender que, no dia em que eu me decidisse, certamente não seria a ele que eu chamaria para verificar de onde viria o meu orgasmo. No fim, eu me vi com um copo vazio e sete anotações que pareciam um castelo mal-assombrado. Um: Centro do universo; Dois: Verruga a mais; Três: Língua presa; Quatro: Executivo; Cinco: Constipado; Seis: Outro executivo; Sete: Compulsivo sexual. Tive que voltar de táxi, pois Josy estava longe de terminar. No fim dessa primeira rodada, ela tinha cinco avaliações positivas. Cinco em sete. Quanto a mim, dois pretendentes queriam continuar a experiência. O Verruga e o Outro executivo. Fui embora sem dar mais uma chance. O livro mais recente de Stephen King me esperava na minha mesa de cabeceira.”

Guylain se lembrou rindo da primeira vez que lera o documento número setenta. Os dez minutos de leitura foram um suplício para ele. Uma verdadeira roleta-russa, o tempo todo com a angústia de ver o príncipe encantado que Julie esperava surgir do cilindro de sete tiros para vir acertá-lo direto no coração. Ele terminara a leitura com um suspiro de alívio.

Com a cabeça no travesseiro, Guylain olhava Rouget dar voltas em seu aquário. Que ilusão ele poderia estar perseguindo, avançando assim sem nunca se cansar? Será que estaria no encalço de si próprio sem saber, com a cabeça mergulhada no rastro que seu nado gerava? Já fazia alguns dias que Guylain também estava com medo de estar perseguindo apenas uma fantasia. Ontem à noite, a visita ao shopping Belle Épine, em Thiais, não dera em nada. Uma semana de buscas infrutíferas, correndo atrás de um fantasma. Ele acreditava que Julie existia somente por causa dos textos dela, assim como Rouget acreditava na presença de um intruso em seu aquário somente pela existência desse rastro no qual ele deslizava ao longo do dia.

Guylain marcara um encontro com Yvon na altura do ponto de táxi, na parte alta da avenida. O vigia usava um terno bem-cortado, e a faceirice o levava a espetar um cravo branco na lapela. Os dois entraram no táxi pedido dez minutos antes.

— Siga adiante cocheiro, leve a bons abrigos.
Seja muito ajuizado, pense no conforto.
Bem entusiasmado, evite caminho torto,
Mas leve-nos ligeiro ao encontro com amigos.

O motorista lançou um olhar inquieto e desconfiado em seu retrovisor interno antes de arrancar. A ruga de perplexidade marcando sua testa levou três sinais vermelhos para desaparecer por completo. Com seu bigode simetricamente aparado, seu porte majestoso e suas roupas bem-cuidadas, Yvon imediatamente causou uma boa impressão nas mulheres do lugar. Nem mesmo Josette, após ter usado as bochechas de Guylain para se livrar do excesso de batom, conseguiu resistir por muito tempo à vontade de se unir à aglomeração que se formara em volta do recém-chegado. Quando Yvon tomou a palavra antes de beijar a mão de mais uma senhora, o tom grave de sua voz acabou encantando definitivamente as idosas mais difíceis:

— Jamais tive o prestígio de ser convidado
A áureo casario tão belo e retirado.

— Ah! Sr. Grinder, o senhor nos lisonjeia — suspirou Josette Delacôte, transbordando de felicidade.

Bem-vindo ao clube dos que têm o nome aleijado, pensou Guylain. Enquanto o grande homem avançava com seu passo majestoso pelo hall, cercado dessa corte já dedicada à sua causa, o mais jovem acompanhou a procissão, sorriso nos lábios, atendo-se a esse papel de laçao que desde já lhe parecia ter sido atribuído. A voz tomou o hall, arrancando um breve estremecimento das duas fileiras de encolhidos de ambos os lados da entrada:

— Meu Deus do céu, que grandioso este aposento.
Nada há de haver mais próximo ao firmamento.
Felizes seus ocupantes, que têm a bonança
De ter lugar assim para a última dança.

Guylain recebeu que essa intromissão ruidosa, em meio ao torpor no qual mergulhava a mente dos frequentadores do local, provocasse algum acidente vascular cerebral ou um infarto. Embora ninguém tentasse contradizer Yvon, Guylain não estava convencido de que todos esses pobres-diabos babando e sentados em suas fraldas estivessem em estado de saborear sua sorte de ter um lugar como aquele para aguardar a última dança. Após dar uma volta pelos andares onde algumas idosas mais ousadas insistiram que o recém-chegado fosse até seus quartos, Yvon comentou sua visita com dois versos:

— Inúmeros são os idosos como apartamentos,
Alguns puros destroços, outros encantamentos.

Embora às vezes a rima o obrigasse a certos extremos da língua que nem sempre refletiam a realidade das coisas, Guylain teve que reconhecer que seu inventário do local e de seus ocupantes não podia soar mais preciso. Monique fez as honras de apresentar Yvon a todos, trocando seu nome na primeira vez por Yvan Gerber, depois Johan Gruber, antes de fantasiá-lo com um Vernon Pinder que ela finalmente pareceu adotar. O pobre Yvon perdeu um pouco da extraordinária voz ao perceber seu nome sendo maltratado de tal maneira pela Delacôte *sister*.

Guylain subiu no palanque para ler um trecho de Julie. Desde as primeiras frases, logo sentiu que a atenção da plateia estava longe de se encontrar nele. Embora estivesse silenciosa, exceto pelas tosses, pelo arrastar de cadeiras e pelas batidas de bengala habituais, os idosos continuavam indóceis para assistir à apresentação de Yvon. Guylain não insistiu. Terminada a primeira parte, era chegada a hora da atração principal. O rei dos alexandrinos afastou com um gesto teatral a poltrona que Guylain lhe oferecia, lembrando-lhe de passagem uma das regras fundamentais necessárias para uma boa declamação:

— Não sei para o que é, mas todo bom discurso

Quando bradado de pé, faz jus ao percurso.

Então, sem texto e sem outro condutor a não ser a memória fantástica que tinha, Yvon Grimbert, também conhecido como Vernon Pinder, soltou nos ouvidos da plateia estupefata uma primeira lufada. Tirada de Fedra declarando seu amor a Hipólito, ato II, cena 5.

— “Sim, por Teseu eu morro e ardo, meu senhor,
Eu o amo, não qual o visto nos infernos,
Um volúvel amador de mil objetos,
Que há de desonrar o meu leito de Hades...”

As tiradas se sucederam, o homem passando com virtuosismo de um Don Diègue injurioso a uma Andrômaca desesperada, depois de um Britânico apaixonado a uma Ifigênia patriota. Sem tirar um só instante os olhos do vigia, Monique perguntou a Guylain qual era a profissão do versador.

— Alexandrófilo — respondeu prontamente.

— Alexandrófilo — repetiu devagarinho a velha senhora, os olhos brilhando de admiração.

Guylain fugiu sorrateiramente antes do fim da sessão, deixando o amigo aos cuidados das irmãs Delacôte, que o haviam convidado para almoçar ali com eles. O especialista aceitou o convite respondendo com dois alexandrinos de sua autoria:

— Tamanha alegria nunca me foi dada
Em tão boa companhia dividir a bocada.

Menos de dez minutos depois, Guylain saltava do táxi para entrar na estação. Évry 2, seus cem mil metros quadrados e seus banheiros públicos o aguardavam.

Havia pouca gente no trem que ia até o subúrbio nesse começo de tarde de sábado. Sacudido pela composição, Guylain passou a viagem toda pensando em Julie. O que faria se finalmente a encontrasse?

— Olá, é o seguinte... hã, eu me chamo Guylain Vignolles, tenho trinta e seis anos e queria conhecê-la.

Ele não podia se dar ao luxo de estragar com gaguejos penosos a única chance que talvez tivesse de encontrá-la. Havia outra solução, que consistia em escrever algumas frases efusivas em seu livro de visitas. Isso podia funcionar, mas também corria o risco de sua declaração se ver espremida entre “Aqui só tem papel ruim!” e “Sanitários limpos, mas os botões das descargas estão um pouco duros demais”. A chegada do trem na estação despertou Guylain de seus devaneios.

Ele levantou a gola do casaco ao sair da estação. Estava frio apesar do sol generoso que brilhava. A estrutura metálica da torre, na qual o grande balão com a sigla do nome do shopping pendulava, erguia-se dos telhados e chamava Guylain, como se fosse um farol na cidade. Évry 2 ficava a menos de dois minutos de caminhada. Assim que atravessou as portas automáticas, o homem abandonou o passo firme que o levava até ali. Havia nele um desejo de fazer o instante durar, de adiar a hora do confronto com essa realidade que mais uma vez poderia destruir todas as suas esperanças. Ele subiu o grande corredor passeando, indiferente à multidão que se agitava à sua volta como em um formigueiro. Imaginou Julie pisando nesse mesmo corredor de manhã cedo, sozinha, seus passos ecoando no meio da imensa catedral vazia. Seus pensamentos estavam nesse ponto quando, acima do burburinho tênue da multidão e da música ambiente que saía dos alto-falantes presos no teto, chegaram-lhe barulhos de catarata. A dois passos dali, uma fonte majestosa vertia sua água em jatos vigorosos e contínuos pela boca de quatro siluros de mármore reunidos no centro. A voz da razão veio imediatamente amenizar a euforia que o invadia, lembrando-lhe que qualquer shopping que se respeitasse tinha uma fonte, como havia um carrossel para as crianças, um vendedor de waffles e uma escada rolante central. Mas ele calou a boca da Sra. Desmancha-prazeres e deixou seu coração se entusiasmar. A fonte ficava no cruzamento de três grandes corredores, como descrevera Julie. Direita ou esquerda? Uma mulher acompanhada de uma menininha correu para a direita suplicando para a garotinha parar de chorar, que elas estavam quase lá. Guylain foi atrás delas. Ao

passar, jogou na água de limpidez duvidosa uma bela e gorda moeda de dois euros, para exorcizar o azar. A menos de trinta metros dali, resplandecia o pictograma característico indicando a presença de sanitários. A Sra. Desmancha-prazeres tornou a irromper para tentar reprimir o entusiasmo de Guylain. Sim, ele sabia. A placa indicava apenas o local dos sanitários, e não estava escrito em letras luminosas “Bem-vindo ao domínio de Julie, encarregada dos sanitários”. No entanto, até o momento, tudo batia exatamente com o texto. Uma escada de quinze degraus levava ao subsolo. O espaço era ladrilhado do chão ao teto. 14.717, apostou Guylain cruzando os dedos. À direita da entrada, encontrava-se uma mesinha. Algumas revistas meio desfolhadas cobriam o tampo. Uns trocadinhos jaziam no pires de porcelana que se encontrava ali para essa finalidade. A cadeira junto à mesa estava vazia. Havia um colete pendurado em seu espaldar. Ela apareceu quando ele se dirigia ao banheiro masculino. Saiu de uma das cabines, segurando um pano de chão e um esfregão nas mãos calçadas com luvas cor-de-rosa. Ele pôde observar tudo à vontade enquanto ela se dirigia a passos decididos ao depósito para guardar seu material. Baixinha, meio gorducha, tinha um rosto que, na juventude, com certeza não deixava os homens indiferentes. A cabeleira de um belo grisalho estava presa para trás em um coque bem-apertado. Guylain olhou uma última vez essa mulher que acabava de ruir suas ilusões antes de entrar discretamente na cabine número oito. Arriado nessa privada que, ele poderia jurar, havia pouco recebera o traseiro do gordo das dez horas, ele pôs as mãos na cabeça. Dessa vez, ele havia acreditado muito. Poderia chorar de desapontamento.

— Urinar não é brincar, quantas vezes preciso repetir a esses pestinhas?

A frase batera secamente nas paredes ladrilhadas. Urinar não é brincar, tialogismo número cinco, o preferido de Julie. Uma segunda voz, bem mais baixa, retomou a frase em eco. Mesmo com a interferência de todos esses barulhos de descargas, torneiras e secadores de mãos que o cercavam, Guylain disse a si mesmo que era a voz mais bonita que já ouvira.

— Urinar não é brincar e vice-versa. Desculpe a demora, tia, mas você sabe como é quando a Josy corta meu cabelo. Meia hora para o corte, uma hora para o papo.

Guylain saiu da cabine e se arrastou até as pias. Abrir a torneira, jato de sabão na palma da mão, esfregar, fazer espuma. Seu corpo parecia não lhe pertencer mais. O espelho lhe mostrou a imagem de um ser alucinado. Ele não ousava virar a cabeça para a forma que se destacava à direita, no limite de seu campo de visão. Após ter enchido a pia com uma montanha de espuma, ele enxaguou brevemente as mãos, respirou fundo e dirigiu-se para a saída. Julie retomara seu lugar na cadeira e, com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, preenchia uma página do bloco de anotações com uma letra bem arredondada. De seu rosto, Guylain só conseguiu ver a linha suave do nariz, a curva discreta das

maças do rosto e, mais abaixo, a protuberância ligeiramente carnuda dos lábios. A cortina de cílios não lhe revelou nada de seus olhos. Com a mão livre, uma mão de dedos curtos e finos, ela acariciou a nuca descoberta. Os cabelos eram cor de mel, desse mel de montanha de tons ao mesmo tempo escuros e cintilantes. Por um breve instante, ela ergueu a cabeça, o tempo de deixar o olhar se perder na parede em frente enquanto mordida a ponta da caneta antes de retomar sua prosa. O “Obrigada mesmo assim” irônico que ela lançou às suas costas enquanto ele deixava o local atravessou seu coração. A única moeda que ele tinha ao chegar ao shopping jazia havia quase dez minutos no lago circular da fonte sob cinquenta centímetros de água. Em sua cabeça, no momento não havia lugar para outra coisa além desta revelação: Julie não era bonita, era sublime.

Do lado de fora, os alto-falantes anunciavam, com grande reforço de jingles, a chegada da primavera. Terça-feira, 20 de março. Guylain sorriu. Soube imediatamente o que lhe restava fazer.

26

Quando o entregador apareceu, primeiro achei que se tratava de um engano. Que o sujeito errara a entrada ou que só estava passando pelos meus banheiros para aliviar uma vontade premente que não podia ser adiada. Mas quando o cara se postou na minha frente e me perguntou, sem deixar de mascar seu chiclete, se eu era Julie, não tive alternativa senão gaguejar um “sim” desconfiado. Dois segundos depois, eu me vi com esse troço de louco nos braços. Eu não acreditava no que via. Um buquê, aqui, para mim. E que buquê! Uma avalanche de flores frescas que cobriam quase toda a superfície da mesa, um desses arranjos enormes com os caules mergulhados em uma embalagem transparente cheia de água. Imediatamente liguei para Josy, que deixou a cliente plantada no meio da aplicação de tintura, o tempo de dar um pulinho para admirar a coisa. Quando vi o negócio, exclamou que um sujeito capaz de oferecer uma coisa daquelas só podia ser um doente ou o cara mais extraordinário da face da Terra. “Podemos dizer que você tirou a sorte grande, minha filha”, acrescentou ela, os olhos cheios de inveja, antes de voltar para terminar a coloração de sua cliente e após me fazer prometer que ia contar tudo. Nunca tinha acontecido algo assim, um gesto tão incrível num lugar tão inapropriado, e isso também nunca tinha acontecido com a minha tia em mais de quarenta anos de profissão. Exceto na vez que, confessou-me ela depois, um senhor lhe deixara uma rosa no Dia dos Namorados, porque a namorada dele acabara de lhe dar um fora e o homem não sabia o que fazer com a flor espinhosa que o atormentava. Preso no celofane que embalava as flores, havia um envelope volumoso de papel craft com a inscrição “Para Julie”, escrita à caneta preta. Minhas mãos estavam tremendo um pouco quando o peguei. O pedaço de cerâmica que ele continha curiosamente se parecia com as minhas. Mesmas dimensões, mesma cor ligeiramente leitosa. Virei e revirei o ladrilho sem entender, até ler a carta manuscrita que o acompanhava:

“Senhorita,

não sou o que se pode exatamente chamar de príncipe encantado. (Acho que os príncipes encantados têm sempre tendência a um ar de autossatisfação que me incomoda e que não os torna especialmente simpáticos.) Assim como não sou um príncipe encantado, não possuo um corcel branco. Às vezes também jogo moedas nas fontes quando tenho oportunidade. Não tenho verruga no queixo nem língua presa, mas possuo um nome realmente ridículo que por si só vale por todas as verrugas e línguas presas do mundo. Gosto de livros, embora passe a maior

parte do meu tempo destruindo muitos deles. Meu único bem é um peixe dourado que se chama Rouget de Lisle e meus únicos amigos são um amputado das duas pernas que passa seu tempo procurando por elas e um versificador que só sabe falar em versos alexandrinos. Eu acrescentaria por fim que, há algum tempo, descobri que existia neste planeta um ser com o poder de fazer as cores parecerem mais vivas, as coisas menos sérias, o inverno menos duro, o insuportável mais suportável, o belo mais belo, o feio menos feio, em suma, de tornar minha existência mais bonita. Esta pessoa é você, Julie. Então, embora eu não seja um adepto do *Speed dating*, peço, não, na verdade suplico que me conceda oito minutos de sua vida (acho que sete não é um número muito bonito, sobretudo para um encontro).

Devo agora me declarar culpado. Culpado de ter entrado em sua existência por meio desse pen drive encontrado no trem três semanas atrás. Saiba que se entrei assim na sua vida, inicialmente foi com a única intenção de encontrá-la para lhe devolver o pen drive e os escritos que ele continha, embora essa intenção pouco a pouco tenha se transformado num profundo desejo de conhecê-la. E, para que me desculpe, permita-me oferecer esta cerâmica suplementar para acrescentá-la ao seu recenseamento de amanhã. Pois, apesar do que possamos pensar, nada é imutável na vida. Mesmo um número tão feio como 14.717 pode acabar se embelezando um dia, contanto que o ajudemos um pouco. Eu finalizo com essa afirmação que, concordo, é um pouco enfática, mas receio nunca mais ter oportunidade, nem vontade, de escrevê-la a outra pessoa a não ser você: Meu destino está em suas mãos.”

Estava assinado Guylain Vignolles, com um número de telefone logo abaixo. Talvez o cara fosse tarado, mas havia me deixado curiosa. Balancei o envelope, e o pen drive caiu na mesa. O grená. Fazia três semanas que eu o procurava por toda parte, desde o dia em que havia pegado o trem para ir à casa de Josy. Reli uma primeira vez a carta, depois uma segunda. Acho que passei o dia lendo o raio dessa carta. Voltando a ela sem cessar, mergulhando nela à menor oportunidade, entre duas passadas de pano ou dois jatos de água sanitária. Saboreando cada palavra dela, tentando dar um rosto, uma voz a esse homem e seu nome ridículo, como ele diz. Hoje, estranhamente, as moedas tilintaram de um modo diferente na porcelana do meu pires, as horas passaram mais depressa, a luz néon dos letreiros estava mais quente, as pessoas até me pareceram mais simpáticas do que o normal. À noite, aconchegada debaixo da minha colcha, eu li a carta mais uma vez do início ao fim, até recitar cada frase de cor. Antes de adormecer, soube que ia ligar para Guylain Vignolles. Acho que minha decisão já estava tomada antes do fim da segunda leitura. Telefonar para lhe dizer que eu não ia lhe conceder oito míseros minutos, e sim três horas, o tempo que levei para cair no sono. Três horas para se descrever, contar sobre nós e ir talvez aonde as palavras nunca foram.

Hoje de manhã, dia de equinócio de primavera, enumerei meus ladrilhos cantarolando. Enfiada no bolso da minha bata, a cerâmica de Guylain Vignolles esbarrava agradavelmente no meu quadril. Na hora da soma final, pousei-a delicadamente na mesa e acrescentei-a na parte de baixo da folha antes de fazer minha conta. Embora eu esperasse por isso, não pude deixar de ficar mexida ao contemplar o resultado. Então peguei o telefone. 14.718, esse era realmente um belo número para começar uma história.

Sobre o autor



Foto: Gwendolyne Denise

JEAN-PAUL DIDIERLAURENT mora em Vosges, na França. Seus contos ganharam duas vezes o Prêmio Hemingway. *O leitor do trem das 6h27* é seu primeiro romance, cujo direito de publicação foi adquirido em 25 países.

Leia também



A menina que roubava livros
Markus Zusak



A garota que eu quero
Markus Zusak



A última carta de amor
Jojo Moyes